

A O L U A R

A noite estava de uma serenidade confortadora.

A lua fulgia no azul, lavada, diáfana, esplêndida, a caminhar sòzinha para o alto. A paisagem espreguicava-se à latescência do luar. No vale, um boi aqui, outro acolá, olhavam para cima, como embasbacados por tanta refulgência do céu.

Na margem direita do riacho as plantações de fumo estendiam-se banhadas no seu verde vibrante, mostrando as largas fôlhas úmidas, balançando à viração; seguia-se o canavial, de um verde mais claro, de uma mesma altura, como que aparado a tesoura. Lá nos fundos aparecia o arrozal amadurecido, com os cachos de ouro brilhando à prata da noite. Pela estrada, que, ao longe, riscava o cabeço de um morro, desciam, passo a passo, uns juven-
mentos.

E tudo resplandecia. No outeiro da capelinha, sôbre a relva, uns carneirinhos estavam deitados como num presepe.

Na horta os resedás cheiravam embriagadoramente. As cordas da viola do Nonato zumbiam enlanguecendo o ar e os sons da viola, que vinham de longe, das últimas casas do campo, eram como gemidos que o vento diluía. Na capelinha, a cruz continuava, com os imensos braços perdidamente abertos para o céu, como se estivesse fazendo uma prece ao luar.

Viriato Correia

V O C A B U L Á R I O

SERENIDADE, *subst.* — Calma, sossêgo.

CONFORTADORA, *adj.* — Que conforta, animadora.

DIÁFANO, *adj.* — Que sendo compacto deixa passar a luz através; transparente.

ESPLÊNDIDO, *adj.* — Luminoso, brilhante.

LATESCENCIA, *subst.* — Brancura semelhante à do leite.

EMBASBACADO, *adj.* — Admirado, pasmado.

REFULGÊNCIA, *subst.* — Brilho, luminosidade.

CABEÇO, *subst.* — Cume, cima de um monte.

RESPLANDECER, *v.* — Brilhar, refulgir.

PRESEPE, *subst.* — Representação figurada das cenas do Natal de Jesus e das pessoas que assistiram ao nascimento de Cristo.

RESEDÁ, *subst.* — Planta de flor muito cheirosa.

ENLANGUECER, *v.* — Perder as forças, enfraquecer, amolentar.

DILUIR, *v.* — Dissolver num líquido; desmanchar.

Q U E S T I O N Á R I O

1) Como se apresentava a noite? 2) E a lua? 3) Que sucedia à paisagem? 4) Que se via no vale? 5) Como pareciam estar os bois? 6) Que havia à margem do riacho? 7) Que impressão dava o canavial? 8) Como se mostrava o arrozal? 9) Que vinha pela estrada? 10) Que havia junto à capelinha? 11) Que parecia a paisagem de junto dela? 12) Que acontecia na horta? 13) Que fazia o Nonato? 14) Que pareciam os sons da viola? 15) Que se imaginava, vendo-se, ao luar, a cruz da capelinha?

E X E R C Í C I O S D E R E D A Ç Ã O

- 1) Descreva aspectos de uma localidade roceira.
- 2) Descreva uma noite de luar (na roça ou na cidade).
- 3) Narre a visita feita a uma capela de cidade do interior.

GRAMÁTICA

Flexões dos substantivos (continuação)

Número dos Substantivos:

Número é a flexão que sofrem os substantivos para exprimir se há um ou mais de um ser.

Em português há dois números: *singular* e *plural*.

O **singular** representa um ser único: *rio, homem*; o **plural**, mais de um: *rios, homens*.

Forma-se, em geral, o plural dos substantivos acrescentando-se um *s* ao singular. Ex.: *casa, casas; baú, baús; rede, redes; avó, avós* etc.

Há, porém, substantivos que admitem pequenas alterações, ao passar para o plural.

Os que terminam em *m*, mudam o *m* em *n* e tomam *s*. Ex.: *fin, fins; imagem, imagens; som, sons; atum, atuns*.

Os que acabam em *r, z* e alguns oxítonos terminados em *s*, acrescentam *es*. Ex.: *pomar, pomares; paz, pazes; camponês, camponeses*.

Vários dos terminados em *s* não sofrem alteração para indicar o plural. Ex.: *o lapis, os lapís; os ourives, os ourives*, etc.

Os terminados em *al, el, ol, ul*, perdem o *l* e tomam *is*. Ex.: *ramal, ramais; papel, papéis; caracol, caracóis; azul, azuis*.

Os acabados em *il* e que são oxítonos, perdem o *l* e tomam *s*. Ex.: *funil, funis; canil, canis*.

Os que acabam em *il*, mas não são oxítonos, mudam o *il* em *eis*. Ex.: *réptil, répteis; fóssil, fósseis*.

Os terminados em *ão* fazem o plural de três modos: 1º) acrescentam *s*: *irmão, irmãos; pagão, pagãos*; 2º) mudam o *ão* em *ões*: *nação, nações; multidão, multidões*; 3º) trocam *ão* em *ães*: *pão, pães; alemão, alemães*.

Os que acabam em *ão*, mas não são oxítonos, fazem o plural acrescentando *s*. Ex.: *bênção, bênçãos; órfão, órfãos*.

Questionário:

- 1) Que é número? 2) Quais são os números em Português?
- 3) Que é singular? 4) E plural? 5) Qual a regra geral da formação do plural? 6) Dê exemplos. 7) Como fazem o plural os substantivos terminados em *r, z, e*, às vezes, em *s*? 8) Dê exemplos. 9) Que sucede a muitos que acabam em *s*? 10) Dê exemplos. 11) Como fazem o plural os que acabam em *m*? 12) E os acabados em *al, el, ol, ul*? 13) Dê exemplos dos primeiros. 14) Agora, dos últimos. 15) Como fazem o plural os que terminam em *il* acentuado? 16) Dê exemplos. 17) E os que terminam em *il* não acentuado? 18) Dê exemplos. 19) Como fazem o plural os nomes em *ão*? 20) Dê exemplos do primeiro caso. 21) Dê do segundo caso. 22) Dê exemplos, agora, do terceiro caso. 23) Como se pluralizam os terminados em *ão* que não são oxítonos? 24) Dê exemplos.

Exercícios gramaticais:

- 1) Dê o plural de:

mão, zagal, farol, aguazil, órgão, alferes, coronel, major, tabe-lião, inglês, fim, sofá, sermão, cabaz, projétil.

- 2) Ponha no plural as frases seguintes:

Meu irmão comprou o pastel ao rapaz do salão.
 O pomar do cristão tinha abricó, maçã, cambucá e mamão.
 O cão do furriel virou o fusil do general.
 O português vendeu atum e camarão para o jantar do órfão.
 O trem atravessou o túnel e o pontilhão sobre o paul.
 O ourives preparou o anel, o colar, mas não usou o rubim.
 O pé do capitão esmagou o réptil.

O Pardal e o Garôto

O pardal é a môsca de penas da cidade. Nos morros e nas montanhas, a Natureza oferece-lhe um mundo de frondes e um viveiro de insetos. A vida aí ser-lhe-ia fácil e doce. Mas o pardal procura a cidade, onde vive o homem.

Ao inseto da montanha e à semente da mata, colhidos sem riscos, êle prefere o grãozinho miudo, o mosquito magro e nervoso apanhado entre as pedras da rua. Pula aqui, voa ali, beliscando entre os paralelepípedos, a sua vida é cortada de perigos, de sustos, de ameaças: um burro que passa com a sua carroça, um transeunte que vai apressado, um menino que regressa da escola, um automóvel que vem buzinando, — tudo persegue o pardal. Ao anoitecer, é a luta pelo pouso, a batalha pela conquista do lugar onde dormir. As montanhas estão vestidas de árvores enormes e os subúrbios se acham enfeitados de chácaras. Mas o pardal prefere o oitizeiro da via pública. A noite ainda vem, e ei-los, às centenas, aos milhares, gritando, piando, volitando, numa disputa infantil e agitada, de crianças que brigam por causa de doces. As rajadas do vento da tarde, a fronde balança. E a impressão que se tem é que a árvore se acha tôda amarrada de guizos, e que é um maracá enorme e verde que o vento sacode, brincando com ela. De vez em quando a ventania arrebatava uma fôlha. Mas a fôlha vai mergulhar em outra fronde. É um pardal que se mudou.

E o garôto, o pequenino vendedor de jornais do Rio de Janeiro, é como o pardal. Tem a mesma vida, corre

os mesmos riscos, espalha a mesma alegria. Durante o dia todo, voa êle de bonde em bonde, tomando o veículo em marcha, gritando as suas fôlhas, o pacote de jornais debaixo do braço. Despeje o céu, sôbre a terra, a carga d'água dos temporais; lancem os homens, pelas ruas, o flagelo das revoluções sanguinárias. E lá está o garôto atravessando a cidade, sem temer as tempestades dos homens ou as tempestades de Deus. E quanta proibidade entre êles! E quanta bondade naqueles pequeninos corações de pardal.

Humberto de Campos

VOCABULÁRIO

FRONDE; *subst.* — Os galhos da árvore cheios de fôlhas.

TRANSEUNTE, *subst.* — Pessoa que vai passando, caminhante.

REGRESSAR, *v.* — Voltar.

VOLITAR, *v.* — Voar.

INFANTIL, *adj.* — De crianças, relativo às crianças.

RAJADA, *subst.* — Pegão de vento forte, vento repentino e violento.

MARACÁ, *subst.* — Instru-

mento semelhante a um chocalho que os selvagens do Brasil usavam nas solenidades religiosas e guerreiras.

VEÍCULO, *subst.* — Qualquer meio de transporte, carro.

FLAGELO, *subst.* — Chicote; grande desgraça, calamidade.

SANGUINÁRIO, *adj.* — Que gosta de ver ou que faz derramar sangue.

PROBIDADE, *subst.* — Honradez, honestidade, correção de caráter.

QUESTIONÁRIO

- 1) Que acha o autor ser o pardal?
- 2) Que lhe oferece a Natureza?
- 3) Que procura o pardal?
- 4) Que prefere êle?
- 5) Que sustos passa?
- 6) Que lhe acontece à tarde?
- 7) Que impressão se tem, à tarde, de uma árvore cheia de pardais?
- 8) Porque o pequeno jornaleiro se parece com o pardal?
- 9) Que faz êle durante o dia?
- 10) Que boas qualidades demonstra êsse garôto?

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- 1) Descreva o tipo de um pequeno jornalista.
- 2) Faça descrição de um trecho movimentado de qualquer rua ou praça.

GRAMÁTICA

Plural dos substantivos compostos

Embora haja ainda muitas divergências na formação do plural dos substantivos compostos, cumpre considerar as regras seguintes:

Quando os substantivos compostos já possuem seus elementos formadores intimamente ligados, constituindo uma única palavra, sem traço-de-união, recebem no fim o sinal de plural.

Ex.: *aguardentes, varapaus, pontapés*, etc.

Se o substantivo fôr composto de dois substantivos, de um substantivo e um adjetivo, ou de um adjetivo e um substantivo — tomarão sinal de plural ambos os elementos.

Ex.: (subst + subst): *vagão-restaurante, vagões-restaurantes; animal-planta, animais-plantas; capitão-tenente, capitães-tenentes; martim-pescador, martins-pescadores*.

Ex.: (subst + adj): *altar-mor, altares-mores; via-sacra, vias-sacras; água-marinha, águas-marinhas; arroz-doce, arrozes-doces; cabra-cega, cabras-cegas*.

Ex.: (adj + subst): *meio-fio, meios-fios; rica-dona, ricas-donas; quinta-feira, quintas-feiras; gentil-homem, gentis-homens*.

No substantivo composto formado de dois substantivos ligados por preposição, só o primeiro elemento toma flexão.

Ex.: *grão-de-bico, grãos-de-bico; caixinha-de-música, caixinhas-de-música; olho-de-boi, olhos-de-boi; café-com-leite, cafés-com-leite*.

Se o nome composto é formado de dois substantivos, mas o segundo limita o sentido do primeiro, só recebe flexão de número o primeiro substantivo.

Ex.: *peixe-espada, peixes-espada; banana-figo, bananas-figo; pau-ferro, paus-ferro; saia-balão, saias-balão; manga-rosa, mangas-rosa*.

Se o substantivo se compõe de verbo e de substantivo, de pa-

lavra invariável e palavra variável, ou de palavras repetidas — só toma plural o segundo elemento.

Ex.: (verbo + subst) *corta-papel, corta-papéis; mata-burro, mata-burros; finca-pé, finca-pés; fura-bucho, fura-buchos*.

Ex.: (palavra inv. + p. variável) *contra-veneno, contra-venenos; sem-vergonha, sem-vergonhas; entre-ato, entre-atos; sempre-viva, sempre-vivas*.

Ex.: (palavras repetidas.) *ruge-ruge, ruge-ruges; lenga-lenga, lenga-lengas; dorme-dorme, dorme-dormes; zum-zum, zum-zuns; xique-xique, xique-xiques*.

Quando o nome composto tem o segundo elemento no plural, não sofre alteração.

Ex.: *o papa-jantares, os papa-jantares; o troca-lintas, os troca-lintas; o salta-pocinhas, os salta-pocinhas; um tira-linhas, dois tira-linhas*.

São invariáveis: — *os bota-abaxio, os louva-a-Deus, os bota-fora, os pisa-mansinho, os perde-ganha, os leva-e-traz*.

Os substantivos compostos formados de um substantivo precedido de *grão* ou *grã*, reduções do adjetivo *grande*, só tomam plural no substantivo.

Ex.: *Grão-vizir, grão-vizires; grã-cruz, grã-cruzes; grão-duque, grão-duques*.

Nos compostos com a palavra *guarda* há dois casos a considerar.

No primeiro caso, a palavra *guarda* é substantivo e equivale a *guardador*, isto é, *o homem que guarda, defende, fiscaliza* etc. Conforme regra já estudada, então, os dois elementos (subst. e adjt.) se pluralizam.

Ex.: *guarda-civil, guardas-civis; guarda-mor, guardas-mores; guarda-fiscal, guardas-fiscais; guarda-aduaneiro, guardas-aduaneiros*.

Guarda-marinha equivale a *guarda da marinha*, isto é, *o guardador, o defensor da marinha*, daí o seu plural (dois subst. ligados por preposição) *guardas-marinha*.

No segundo caso, *guarda* é verbo e, de acôrdo com a regra já aprendida, fica invariável.

Ex.: *guarda-sol, guarda-sois; guarda-pó, guarda-pós; guarda-voz, guarda-vozes; guarda-livro, guarda-livros*.

Os nomes de rezas só tomam sinal de plural no último elemento.

Ex.: *Padre Nosso, Padre Nossos; Ave Maria, Ave Marias; Salve Rainha, Salve Rainhas.*

Vaivém faz *vaivens*. Encontra-se, igualmente, *vaivem* com o plural *vais-vens*.

Questionário:

- 1) Como formam o plural os substantivos compostos cujas palavras formadoras já se acham intimamente ligadas? 2) Dê exemplos. 3) Como formam o plural os compostos de dois substantivos? 4) Exemplos? 5) E os formados de substantivos e adjetivos? 6) Exemplos? 7) Como se pluralizam os compostos de duas palavras iguais? 8) Exemplos? 9) E os formados de duas palavras ligadas por uma preposição? 10) Dê exemplos. 11) Como formam o plural os compostos de verbo e substantivo? 12) Exemplos? 13) Como se pluralizam os compostos com a palavra *guarda*? 14) Exemplos. 15) E os compostos de palavras invariável e variável? 16) Exemplos. 17) Como formam o plural os compostos de dois substantivos mas o segundo limita o sentido do primeiro? 18) Dê exemplos. 19) E os compostos com as palavras *grão* ou *grã*? 20) Exemplos. 21) Qual o plural dos compostos nomes de orações? 22) Exemplos? 23) E o plural dos compostos em que o segundo elemento é substantivo no plural? 24) Exemplos.

Exercícios gramaticais:

- 1) Ponha no plural:
Baixo-relêvo, barriga-verde, mal-me-quer, bico-de-lacre, Padre Nosso, ama-sêca, manga-espada, amor-perfeito, tira-teima, tico-tico, fidalgo, para-brisa, goma-laca, ópera-cômica, sete-e-meio, sal-gema, verde-garrafa, tia-avó, quebra-mar, vice-rei, grão-vizir.
- 2) Pluralize:
O mestre-escola mostrou aos alunos a abelha-mestra e o bicho-da-sêda.
O sargento-mor matou o beija-flor e o bem-te-vi.
À sobremesa êle comeu treme-treme, mãe-benta e pé-de-moleque.
O guarda-marinha achou o guarda-sol do guarda-civil.
No museu Maria conheceu o peixe-boi, o papa-formigas e o urubu-rei.

Marcha Soldado

— Psiu! não faça barulho! Vovô dorme!...
— Não corra assim!... — Não grite, Manuel!...
... Ê o que ouço, naquela casa enorme.
Se brinco de soldado de papel!

O vovô na cadeira, bem calado,
fica quieto... mas ri, quando me vê.
Ri, porque assim não fica abandonado,
dormindo com o jornal, que êle nem lê.

Eu bato no tambor todo contente,
eu marchoo e canto e sempre cantarei!
Porque, mais do que sabe aquela gente,
do que gosta o vovô eu é que sei!

O vovô me contou o seu segredo:
êle foi pequenino como eu!
Brincou de soldadinho e então, sem medo,
batia num tambor igual ao meu!...

Ninguém sabe essa história e, mais ainda,
ninguém ouviu o que êle disse a mim,
um dia que eu tocava a marcha linda
que eu sei tocar tão bem! Olhe: esta assim!

Êle me disse: «Êu gosto que a meu iado
você faça barulho, Manuel!
Pois penso que voltou todo o passado...
que marchoo de cabeça de papel!»

È é por isso que eu nino o bom velhinho,
com meus cantos de guerra, meu tambor...
Ele gosta, coitado!... e diz baixinho:
«Marcha, soldado... marcha, meu amor!...»

Maria Alves Veloso

QUESTIONÁRIO

- 1) Que ouço quase sempre naquela casa enorme? 2) Quando ouço essas palavras? 3) Que faz o vovô quando me vê? 4) Porquê? 5) Que faço, então? 6) Porque procede assim? 7) Que segrêdo me contou o vovô? 8) Que me disse mais? 9) Que faço, por causa disso? 10) Que diz baixinho o vovô?

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- 1) Conte, em prosa sua, a história do Manuelzinho e do vovô.
- 2) Escreva uma cartinha a seu vovô (ou outro velho parente), dando notícias da família.
- 3) Descreva o tipo de um velho.

GRAMÁTICA

Flexões dos substantivos (continuação)

Grau dos substantivos

Grau é a flexão pela qual o substantivo indica o ser aumentado ou diminuído.

Os graus dos substantivos são: *aumentativo* e *diminutivo*.

O **aumentativo** apresenta o ser aumentado: *livrão, narigão*; e o **diminutivo**, o ser diminuído: *menininho, dedinho, casebre*. Quando o substantivo mostra o ser no estado normal, está no POSITIVO.

Obtêm-se o aumentativo e o diminutivo por dois processos: *analítica* e *sinteticamente*.

O **AUMENTATIVO ANALÍTICO** faz-se com o auxílio da palavra *grande*. Ex.: *homem grande, barco grande*.

O **AUMENTATIVO SINTÉTICO** é obtido por meio das terminações: *ão, arão, aço, az, ázio, astro*, etc. Ex.: *dedão, atrevidão, cartaz, copázio, poetastro*, etc.

O **DIMINUTIVO ANALÍTICO** é conseguido com a junção da palavra *pequeno*. Ex.: *casa pequena, jornal pequeno*, etc.

Obtêm-se o **DIMINUTIVO SINTÉTICO** por intermédio das terminações: *inho, zinbo, ote, eta, ita, etc, ola*. etc. Ex.: *livrinho, baúzinho, rapazole, careta, florita, sabonete, sacola*, etc.

Quando o *aumentativo* ou *diminutivo* juntam ao substantivo idéia depreciativa, isto é, de desmerecimento, de pouco caso, diz-se que o substantivo está no grau *pejorativo*. Ex.: *mulheraça, mestraço, jornaleco, gentinha*.

Muitas vezes, também, o diminutivo junta ao nome idéia de carinho. Ex.: *filhinho, benzinho, Joãozinho, Antoninha*.

Muitos nomes têm irregulares o aumentativo ou o diminutivo. Exemplos de alguns aumentativos irregulares: amigo — *amigalhão*; barca — *barcaça*; bicho — *bichaço*; bôca — *bocarra*; cabeça — *cabeçorra*; chapéu — *chapelão*; copo — *copázio*; corpo — *corpanzil*; faca — *facalhão*; fatia — *fatacaz*; fogo — *fogaréu*; fumo — *fumaça*; homem — *homenzarrão*; mão — *manopla*; môço — *moçetão*; pobre — *pobretão*; prato — *prataraz*; sapato — *sapatorra*; velhaco — *velbacaz*.

Eis alguns diminutivos irregulares:
Animal — *animalejo*; beijo — *beijoca*; cão — *canito*; carta — *cartilha*; casa — *casebre, casinhola*; corda — *cordel*; dito — *dichote*; diabo — *diabrete*; jôgo — *joguete*; menina — *meninota*; papel — *papelote e papelucho*; povo — *povilên*; quintal — *quintalejo*; rio — *riacho*; saia — *saiole*; velhaco — *velhaquete*; verão — *veranico*; via — *viela*.

Questionário:

- 1) Que é grau? 2) Quais são os graus dos substantivos?
- 3) Que exprime o aumentativo? 4) E o diminutivo? 5) Quando

o nome está no positivo? 6) Como se consegue o aumentativo ou o diminutivo? 7) Como se obtém o aumentativo analítico? 8) E o sintético? 9) Dê exemplos do primeiro. 10) Dê exemplos do segundo. 11) Como se forma o diminutivo analítico? 12) E o sintético? 13) Dê exemplos do primeiro. 14) Dê exemplos de diminutivos sintéticos. 15) Que é grau pejorativo? 16) Dê exemplos. 17) Dê exemplos de diminutivos que exprimam carinho.

Exercícios gramaticais:

- 1) Copie as frases abaixo, pondo no positivo os diferentes aumentativos.

Era um bichaço de cabeçorra medonha.
 O homenzarrão abocanhou um fatcaz de presunto.
 Era um pobretão de saporras velhas.
 O velhacaz agarrou com a manopla suja o copázio de cerveja.
 O poetastro tinha muito vermelho o narigão.
 O ladravaz atirou no fogaréu o chapelão.
 Um negralhão carregava o cartaz.

- 2) Transcreva as frases indicadas, dando os diminutivos irregulares dos nomes grifados:

O *cão* rasgou a *sua* da *môça*.
 O *diabo* do *pequeno* fez uma *cara* engraçada.
 A *casa* do *velhaco* ficava à beira do *rio*.
 O *menino* perdeu, na *rua* estreita, sua *carta* de ABC.
 O *rapaz* encontrou a *espada* no *quintal* do armazém.
 O *livro* do *velho* tinha dentro uma *flor*.

A Festa de São João na Roça

Na tarde da última novena, na véspera da festa, ergue-se, no adro da igreja ou no pátio da fazenda, o alto mastro onde oscila a bandeira de São João. É esta uma tela estendida num quadro de madeira onde se pintou a tradicional imagem do Precursor ao lado do seu imaculado cordeirinho. Muitas vezes a bandeira é conduzida da casa do festeiro ao adro por brilhante cavalegada.

Quatro cavaleiros dos mais garbosos, em ginetes de arnezes açacalados, trazem a bandeira prêsna nos quatro cantos por outras tantas alças de fita, cada uma segura à mão de um cavaleiro. Recebe-os o vigário em hábitos talares e procede à bênção da bandeira, que, depois, é passada na haste do mastro. Então, no meio da algazarra do povilêu, de estampidos sucessivos de baterias de bombas, do espoucar dos rojões e de girândolas, ergue-se lentamente o mastro, até ficar aprumado e firme, desafiando os ventos. A bandeira gira na haste mostrando a efígie de São João aos quatro pontos cardeais, à hora suave em que as palmas do coqueiro se remexem ao sôpro da viração e ao canto das graúnas.

Ao escurecer as fogueiras devem estar prontas para se atear o fogo ao primeiro sinal. Afinam-se violas e violões. Em rumas, nas bandejas, estão empilhadas as caixas de bichas, os pistolões, as rodinhas de fogo, os fogos de bengala. Os busca-pés e rojões vão ser distribuídos pela molecada, cuja grita e cujas cabriolas recrudescem ao ver o primeiro rôlo de fumo e o primeiro enxame de centelhas surgirem do vão escuro, entre os troncos

sobrepostos em cruz, para a construção da fogueira. Montes de batatas, de carás, de mandiocas, de canas de açúcar esperam, para ser desbastados, o adiantar da noite, ao declínio das fogueiras, quando os animosos, cheios de fé, põem-se descalços para, de pés nus, calcarem as brasas. Neste momento já estão formados os largos braseiros onde se assam as canas e as túberas, ao mesmo tempo que, entre gritos, palmas e clamores, saias se arregaçam e pés feitiçeiros tentam a prova do fogo sobre o braseiro sagrado.

À meia-noite, todos, cheios de pressentimentos, vão ver a sombra na água e o desenho da clara de ovo.

Afonso Arinos

VOCABULÁRIO

NOVENAS, *subst.* — Rezas, ladainhas, etc., que se repetem, geralmente, durante nove dias.

ADRO, *subst.* — Terreno descoberto defronte da igreja.

OSCILAR, *v.* — Balançar.

TELA, *subst.* — Pano sobre o qual se fazem pinturas.

TRADICIONAL, *adj.* — Conforme a tradição, isto é, de acordo com crenças, hábitos ou idéias antigas e guardados na lembrança do povo.

PRECURSOR, *subst.* — O que vem antes. O que anuncia a chegada de alguém. No trecho acima, trata-se de São João Batista, chamado o Precursor por ter anunciado

a vinda do Salvador-Jesus Cristo.

ARNEZES, *subst.* — Os arreios do cavalo.

AÇACALADOS, *adj.* — Polidos, brunidos, brilhantes de tão limpos.

ANIMOSO, *adj.* — Corajoso, entusiasmado.

TÚBERAS, *subst.* — Batatas, aipins, carás, etc. Cogumelos subterrâneos, carnudos e comestíveis.

HÁBITOS TALARES — Vestes sacerdotais; roupa de padre.

ESTAMPIDO, *subst.* — Estouro, estrondo.

ESPOUCAR, *v.* — Estourar, rebentar com grande estrondo.

IMACULADO, *adj.* — Muito branco, sem manchas.

CAVALGADA, *subst.* — Grupo de pessoas a cavalo.

GARBOSO, *adj.* — Elegante, distinto, cheio de graça e gentileza.

GINETE, *subst.* — Cavalo de boa raça.

GRAUNA, *subst.* — Pássaro preto que, geralmente, prefere o campo à mata.

RUMÁ, *subst.* — Pilha, grande porção amontoada.

CABRIOLAS, *subst.* — Saltos como os das cabras.

RECRUDESCER, *v.* — Aumentar, crescer com violência.

ENXAME, *subst.* — Grande quantidade.

CENTELHA, *subst.* — Faísca luminosa.

ROJÕES, *subst.* — Foguetes fortes.

GIRÂNDOLA, *subst.* — Roda ou travessão com buracos onde se colocam foguetes, que, acesos, sobem e estouram ao mesmo tempo.

EFIGIE, *subst.* — Figura, representação de uma pessoa, retrato, imagem.

DESBASTAR, *v.* — Tornar menos numeroso, menos basto; acabar.

DECLÍNIO, *subst.* — Diminuição, enfraquecimento.

CLAMOR, *subst.* — Grande barulho.

PRESENTIMENTO, *subst.* — Ato de pressentir alguma coisa, de conhecer algum fato antes de sua realização.

QUESTIONÁRIO

1) Como é feita a bandeira do São João, na roça? 2) Onde se ergue seu mastro? 3) Como é conduzida a bandeira até o adro? 4) Como é recebida? 5) Que faz, então, o povo? 6) Que sucede, nessa hora, à bandeira? 7) Que há, ao anoitecer? 8) Que se encontra nas bandejas? 9) Que faz a molecada? 10) Que fazem com as fogueiras? 11) E à meia-noite?

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- 1) Descreva uma festa de São João.
- 2) Em carta a um colega convide-o para uma festa joanina.

GRAMÁTICA

Flexões dos adjetivos

O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número. Desta maneira os gêneros e os números dos adjetivos são os mesmos dos substantivos.

Gênero dos adjetivos:

Há em Português *adjetivos uniformes*, isto é, com a mesma forma para o masculino e o feminino, e *adjetivos biformes*, ou com uma forma para cada gênero.

São **uniformes** os adjetivos terminados em *e, l, m, r, s, z*. Ex.: homem *triste*, mulher *triste*; texto *legal*, ordem *legal*; processo *comum*, forma *comum*; livro *escolar*, disciplina *escolar*; caso *simples*, moda *simples*; tigre *feroz*, onça *feroz*.

Alguns fazem exceções: *espanhol, espanhola; bom, boa; protetor, protetora; burguês, burguesa; andaluz, andaluza*, etc. *Superior* faz *superiora* na expressão *madre superiora*.

Também alguns adjetivos em *tor* ou *dor* fazem o feminino em *triz*: *diretor, direttriz; bissetor, bissettriz; gerador, geratriz; motor, motriz* (e *motora*).

Os adjetivos **biformes** fazem o feminino segundo as regras estudadas para os substantivos.

Número dos adjetivos:

Aplicam-se aos adjetivos as mesmas regras para formação do plural dos substantivos. Ex.: bandeira *nacional*, bandeiras *nacionais*. cão *fiel*, cães *fiéis*; moço *feliz*, moços *felizes*; côro *pagão*, coros *pagãos*; soldado *valentão*, soldados *valentões*, etc.

Questionário:

1) Como o adjetivo concorda com o substantivo? 2) Quais os gêneros dos adjetivos? 3) E os números? 4) Que são adjetivos uniformes? 5) E biformes? 6) Como terminam os adjetivos uni-

formes? 7) Dê algumas exceções. 8) Como fazem o feminino alguns adjetivos terminados em *tor* ou *dor*? 9) Dê exemplos. 10) Que sabe do adjetivo *superior*? 11) Como os adjetivos biformes fazem o plural? 12) Dê exemplos.

Exercícios gramaticais:

Ponha no feminino as expressões seguintes:

- 1) Rapaz gentil. Cão mordedor. Homem cristão. Frade sabichão. Bom príncipe. Mau rei. Anão pedinte. Ator andaluz. Cavalero selvagem. Pardal cru. Duque francês. Menino sensível. Genro alemão. Boi zebu. Poeta superior. Réu inocente. Cavalheiro simples. Sacerdote diretor.
- 2) Ponha no plural as expressões do exercício antecedente.

Não o trai, não o surpreende, não o amedronta, não o maltrata, não o aflige. Dá-lhe tudo quanto pode dar, mostrando-se-lhe sempre magnânima, meiga, amiga, maternal.

Afonso Celso

No Brasil não há calamidades

Imenso como um continente, não conhece o Brasil nenhum dos flagelos que, em outras regiões, soem produzir milhares de vítimas.

Privilegiado da Providência, não registra a sua história uma só dessas terríveis catástrofes, comuns a quase todos os povos, quer na ordem material, quer na moral.

Não há ciclones, como nos Estados Unidos, inundações, como na Espanha, fomes e pestes prolongadas, como em tantos pontos da Europa e da Ásia.

De terremotos não se aponta notícia, nem vestígio. Vulcões, nem apagados, nem traços de extintos. Nevoeiros persistentes não envolvem as nossas costas, onde raros naufrágios ocorrem. Na considerável extensão dessas costas, não são de recear nem rochedos ocultos, nem correntes traiçoeiras, nem sorvedouros, nem furacões.

Os perigos estão reduzidos aos inevitáveis e inerentes à situação humana.

Quase todos os numerosos portos oferecem fácil abrigo.

Nas florestas, são relativamente em número insignificante os animais ferozes. Os que existem, raro agrirem o caminhante. Limitam-se a defender-se, tirando escassas vidas, fazendo estragos de pouca monta.

Em suma: oferecendo ao homem condições de vida sem igual, a natureza brasileira em nada lhe é hostil ou áspera. Pode o habitante confiar nela, com segurança.

VOCABULÁRIO

SOEM, *v.* — Costumam.

PRIVILEGIADO, *adj.* — Beneficiado; que goza de regalias.

CATASTROFE, *subst.* — Grande desgraça; imensa tragédia; calamidade.

CICLONE, *subst.* — Vento muito forte.

PERSISTENTE, *adj.* — Constante, continuado.

SORVEDOUROS, *subst.* — Abismos.

FURACÃO, *subst.* — Vento de grande fúria.

INEVITÁVEL, *adj.* — Que não pode ser evitado.

INERENTE, *adj.* — Inseparável; intimamente ligado a alguma coisa.

ESCASSO, *adj.* — Raro; pouco.

DE POUCA MONTA — De pouco valor.

HÓSTIL, *adj.* — Contrário; inimigo; adversário.

MAGNÂNIMA, *adj.* — Bondosa; generosa; com grandeza de alma.

QUESTIONÁRIO

- 1) Que é que o Brasil não conhece?
- 2) Que não registra a sua história?
- 3) Cite outras calamidades conhecidas em outras terras e desconhecidas no Brasil.
- 4) Que perigos existem no Brasil?
- 5) Como são seus portos?
- 6) Suas florestas?
- 7) Seus animais selvagens?
- 8) Como podem viver seus habitantes?
- 9) Porquê?

GRAMÁTICA

Grau dos adjetivos

Os graus dos adjetivos são: *comparativo* e *superlativo*.

O **comparativo** compara duas qualidades. Ex.: Ele é *tão* prêto *como* o carvão. Sou *mais* velho *que* teu irmão.

O **superlativo** eleva ao máximo a qualidade. Ex.: Ela é *muito* rica. José é *o mais* alegre da sala. O problema era *difícilimo*.

O comparativo pode ser de *superioridade, de igualdade, de inferioridade.*

O COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE forma-se antepondo-se ao adjetivo o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que*. Ex.: Teu livro está *mais novo que* o meu. O anel é *mais valioso do que* a pulseira.

O COMPARATIVO DE IGUALDADE é obtido antepondo-se ao adjetivo o advérbio *tão* e pospondo-se uma das conjunções: *como* ou *quanto*. Ex.: Esta lição é *tão fácil quanto* a de ontem. Tu és *tão forte como* meu irmão.

Consegue-se o COMPARATIVO DE INFERIORIDADE com a anteposição do advérbio *menos* ao adjetivo e a posposição da conjunção *que* ou *do que* Ex.: Você está *menos triste do que* eu. Lúcia é *menos gentil que* Alzira.

O superlativo pode ser: *relativo e absoluto.*

O SUPERLATIVO RELATIVO eleva a qualidade comparando-a com outras. Ex.: João é *o mais* pobre de todos. Aquêlê professor é *o mais enérgico* da escola.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO eleva a qualidade sem comparação. Ex.: João é *muito* pobre. Isto é *belíssimo*.

O superlativo relativo forma-se antepondo-se ao adjetivo as expressões: *o mais, a mais, os mais, as mais, o menos, etc.* Ex.: Júlio é *o mais aplicado* dos alunos. Esta fazenda é *a mais cara* da loja. Ele é *o menos rico*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico e sintético.*

Forma-se o SUPERLATIVO ABSOLUTO ANALÍTICO juntando-se ao adjetivo um dos advérbios: *muito, assaz, bastante, excessivamente, etc.* Ex.: Carlos é *muito feio*. Ele foi *assaz prudente*.

O SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO é obtido por meio das terminações: *íssimo, érrimo, ílimo*. Ex.: Paisagem *lindíssima*. Menino *paupérrimo*. Exercício *facílimo*.

Os adjetivos *bom, mau, grande e pequeno* apresentam formas irregulares para o *comparativo de superioridade* e para o *superlativo absoluto sintético*:

Positivo	Comparativo de Superioridade	Superlativo absoluto sintético
Bom	Melhor	Ótimo
Mau	Pior	Péssimo
Grande	Maior	Máximo
Pequeno	Menor	Mínimo

Muitos adjetivos possuem irregular o superlativo absoluto sintético:

Acre (acérrimo), *ágil* (agílimo), *áspero* (aspérrimo), *benéfico* (beneficentíssimo), *benévolo* (benevolentíssimo), *célebre* (celebérrimo), *crístão* (cristianíssimo), *cruel* (crudelíssimo), *difícil* (difícilimo), *doce* (dulcíssimo), *fácil* (facílimo), *livre* (libérrimo), *malévolo* (malevolentíssimo), *negro* (nigérrimo), *nobre* (nobilíssimo), *parco* (parcíssimo), *pobre* (paupérrimo), *pródigo* (prodigíssimo), *sábio* (sapiéntíssimo), *são* (saníssimo), *simples* (simplíssimo), *soberbo* (superbíssimo), *tétrico* (tetérrimo).

Questionário:

1) Quais são os graus dos adjetivos? 2) Que é comparativo? 3) Que é superlativo? 4) Como se divide o comparativo? 5) E o superlativo? 6) Como se forma o comparativo de igualdade? 7) E o de superioridade? 8) O de inferioridade? 9) Como se forma o superlativo relativo? 10) E o absoluto? 11) Dê exemplos. 12) Cite irregularidades da formação de superlativos absolutos sintéticos.

Exercícios gramaticais:

- 1) Forme frases diversas, usando, em cada uma delas, os diferentes graus dos adjetivos: *bondoso e pobre*.
- 2) Copie as frases que vão abaixo, empregando os superlativos absolutos sintéticos dos adjetivos grifados:

Aquêlê homem *cristão* era *negro*.

A *benévola* mestra deu trabalho *fácil*.

O *mau* rapaz foi *cruel* com o *cãozinho*.

É empregado *fiel* e *amável*.

Grandes trabalhos foram exigidos do *célebre* viajante.

Agora estava *livre* o *malévolo* soldado.

Já se sentia *bom* e *feliz* naquela terra.

Nosso *velho* professor sempre foi *nobre* e *sábio*.

Enchente no Sertão

O Paraíba inchava de cheio, roncando. As suas águas cresciam. Falavam de açude arrombado no sertão. O bicho já andava pelas várzeas repetindo a façanha de setenta e cinco e de vinte e três.

Da casa-grande avistava-se o vermelhão, cobrindo a mataria da várzea. E relâmpagos nas cabeceiras. E chuva que não parava.

O Crumataú descera, como há muito não havia notícia.

O Gurinhém transbordando. Todos davam no Paraíba.

O povo descia da catanga para ver o monstro roncando. Um ronco sinistro com as águas que comiam as ribanceiras, que ruíam com estrépito.

Não havia canoeiro que tivesse coragem de meter uma canoa n'água. A correnteza não dava tempo para manobra. Árvores enormes passavam de cabeceira de fora. Mariseiros arrancados pelas raízes como touceiras de coentros.

D. Dondon já estava com medo.

A rua da Palha, no Pilar, não tinha mais casa em pé. O rio levava tudo. E amanhecia enchendo. E à tarde enchendo.

O santuário da casa-grande estava com velas acesas. As negras e D. Dondon rezavam. Na outra manhã, o rio amanhecera mais brabo. As águas chegavam à destilaria.

No tempo do velho Zé Paulino temia-se pelos caixões de açúcar, pelos tanques de mel de furo.

O Dr. Juca, do seu quarto, com as dores, nem perguntava pelo rio.

As mulheres com medo. E a casa-grande quase ilhada, só tinha mesmo uma saída pela estrada nova, pela bueira, que cobria o sangradouro da lagoa.

E ao meio dia chegou gente falando: a casa do engenho de Santa Fé, debaixo d'água, fôra-se o maquinismo que Zé Marreira botara lá. A cheia parecia maior do que a de mil novecentos e vinte quatro.

Ouvia-se da casa-grande o rumor que faziam as águas, caindo nos tanques da destilaria.

E com pouco chegou o Rafael com a notícia: o rio arrancara o mariseiro grande. O rumor das águas parecia pertinho da casa-grande.

À tardinha o rio enchia ainda mais. A estrebaria submergida. O gado corria do curral para berrar, ali bem perto do alpendre. Um resto de gado magro. O rio entrava pelo cercado. Via-se a água barrenta, entrando quase na casa da usina. O oratório aceso. E as negras e a senhora rezando.

José Lins do Rêgo

VOCABULÁRIO

ACUDE, *subst.* — Reservatório; represa d'água de um rio, feita para servir ao povo, ou para abastecer uma propriedade agrícola ou pastoril.

VÁRZEA, *subst.* — Campina cultivada; planície.

FAÇANHA, *subst.* — Ação notável; proeza; ato heróico.

SETENTA E CINCO E VINTE E TRÊS — Trata-se dos anos de 1875 e 1923 quando foram terríveis as enchentes

de alguns rios, no Nordeste.

CASA-GRANDE, *subst.* — Prédio confortável onde moram os proprietários da fazenda ou do engenho.

CRUMATAÚ, GURINHÉM, *subst. prop.* — Rios que vão desaguar no Paraíba do Norte.

PARAÍBA, *subst. prop.* — Rio do Estado da Paraíba, de que o Estado tira o nome.

CATINGA, *subst.* — Terras aproximadas do sertão e fechadas ou cobertas de carrasqueiros e outros vegetais da flora sertaneja nordestina.

SINISTRO, *adj.* — De mau agouro; funesto.

RIBANCEIRA, *subst.* — Barranco junto ao rio.

RUIR, *v.* — Cair depressa e com estrondo; desmoronar.

ESTRÉPITO, *subst.* — Estrondo; grande barulho.

MARISEIRO, *subst.* — Árvore do Nordeste.

TOUCEIRA, *subst.* — Moita grande.

COENTRO, *subst.* — Planta aromática, que serve para tempêro.

SANTUÁRIO, *subst.* — Lugar ou móvel de uma casa onde se guardam os santos.

DISTILARIA ou DESTILARIA, *subst.* — Fábrica onde

se prepara a aguardente ou o álcool.

MEL DE FURO — Mel: o mesmo que melado, produto dos engenhos, isto é, cana ainda em preparo de açúcar, em estado de líquido grosso.

Dois qualidades, há, então, distintas: o mel de engenho, de primeira qualidade e o mel de furo, de segunda qualidade, inferior.

ILHADA, *adj.* — Tôda cercada de águas.

BUEIRA ou BOEIRA, *subst.* — Encanamento por onde

escorrem águas.

SANGRADOIRO ou SANGRADOURO, *subst.* — Canal natural que comunica uma lagoa com um rio ou

com outra lagoa.

ALPENDRE, *subst.* — Telheiro; teto suspenso por colunas ou pilastras, ao menos de um

QUESTIONÁRIO

1) Que acontecia, então, com o Paraíba do Norte? 2) Que já se dizia? 3) Que iria ele repetir? 4) Que se avistava da casa-grande? 5) Que fizera o Crumataú? 6) E o Gurinhém? 7) Que fazia o povo? 8) Como passava o rio? 9) Que sucedia aos cacoiros? 10) Porquê? 11) Que passava nas águas? 12) Que sucedia a D. Dondon? 13) E à rua da Palha? 14) Como se encontrava o santuário? 15) Quem estava lá? 16) Como estava a situação no dia seguinte? 17) Que acontecia no tempo do Zé Paulino, em tais ocasiões? 18) Que se dava com o Dr. Juca? 19) Como já

estava a casa-grande? 20) Que houve ao meio-dia? 21) Que notícia trouxe Rafael? 22) Descreva a enchente à tardinha.

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- 1) Conte, com palavras suas, conforme o que leu acima, — "A Enchente no Sertão".
- 2) Em pequena carta, conte a um amigo a visita feita a um sítio ou fazenda.

GRAMÁTICA

Flexões do Verbo

As flexões do verbo são: *modo, tempo, pessoa, número e gênero*. (Este só no particípio).

Modo é a flexão que indica a maneira por que se executa a ação.

Os modos são: *indicativo, imperativo, subjuntivo*.

O **INDICATIVO** apresenta a ação de modo positivo. Ex.: *Trabalho. Cantas. Jantaremos.*

O **IMPERATIVO** exprime ordem, pedido, súplica, etc. Ex.: *Saia! Vinde a mim. Perdoai-nos!*

O **SUBJUNTIVO** representa dependência, dúvida. Ex.: *Virá desde que tenha tempo. Se voltar cedo, fará ainda a prova.*

O **Infinitivo**, o **Gerúndio** e o **Particípio** não são modos. Chamam-se *Formas Nominais do Verbo*.

O primeiro tem muitas vezes valor de substantivo; o segundo, de adjetivo, e o último equivale a um advérbio.

Tempo é a flexão pela qual o verbo indica a época em que a ação se realiza.

Os tempos são: *presente, passado e futuro*.

O **PRESENTE** representa o momento atual. Ex.: *Amo. Chegais agora?*

O **PASSADO** ou **PRETÉRITO** exprime época que já passou. Ex.: *Perdeu o trem. Partiu o bonde.*

O **FUTURO** ou **PORVIR** representa o tempo que ainda há de chegar. Ex.: *Surgirão novas figuras. Passaremos o domingo fora.*

O **presente** não se divide; o **pretérito** pode ser *imperfeito, perfeito, e mais-que-perfeito*; o futuro pode ser do *presente e do futuro*.

As formas nominais são: *infinitivo presente pessoal e impessoal, infinitivo passado pessoal e impessoal, gerúndio, gerúndio composto, participio*.

Muitas vezes o **gerúndio** é chamado, erradamente, *participio presente*.

A flexão de **pessoa** indica qual das três pessoas gramaticais faz a ação. (Ver pronomes pessoais). Ex.: *Tu amas. Eu andava.*

O **número** indica se a ação é executada por um ou mais de um.

Questionário:

- 1) Quais são as flexões do verbo? 2) Que é modo? 3) Quais são êles? 4) Que é indicativo? 5) Dê exemplos. 6) Que é imperativo? 7) Dê exemplos. 8) Que é subjuntivo? 9) Dê exemplos. 10) Quais as formas nominais? 11) Dê exemplos. 12) Que é tempo? 13) Quais são os tempos? 14) Que exprime o presente? 15) Dê exemplos. 16) Que outro nome tem o passado? 17) Que representa êle? 18) Como pode ser o pretérito? 19) Dê exemplos. 20) Que é futuro? 21) Como se divide? 22) Dê exemplos. 23) Que representa a flexão de pessoa? 24) E a de número? 25) Onde o verbo pode ter flexão de gênero?

Exercícios gramaticais:

- 1) Em frases diversas dê exemplos de verbos nos modos indicativo, imperativo e subjuntivo e nas formas nominais.
- 2) Componha duas sentenças com o verbo no presente, duas com o verbo no passado e duas com êle no futuro.

Baile Gaúcho durante a Guerra dos Farrapos

Eram os bailes, nos povoados e nas fazendas, as manifestações mais comuns da sociabilidade da época. O fazendeiro que convidasse os vizinhos a uma dança, preparava a casa para alojar os hóspedes por dois, três dias. Exigiam os costumes houvesse muita fartura de comidas, variedades de doces, licores e refrescos à disposição dos convidados.

A fazenda, já nas vésperas da festa, entrava em grande azáfama. Os escravos não paravam. Estes se ocupavam com os assados de espêto, aquêles com os leitões, as galinhas, os guizados. Essa negra tinha fama de perita no arroz de leite, aquela nos beijos, nos quindins, nas cocadas. As mulheres dos posteiros vinham ajudar nos trabalhos da casa. O salão principal reluzia de limpeza. Enfeitavam o teto bandeirolas multicores. Pelos cantos, vasos com flôres de papel. Ao longo das paredes, filas de cadeiras para descanso das senhoras e das moças.

Servia-se o jantar às quatro da tarde. E, ao cair da noite, começava o baile, num ambiente de respeitosa afabilidade. Não se compreendia que uma senhorita se recusasse a dançar com quem quer que fôsse. Todos ali se conheciam. Se o dono da casa, que mais do que ninguém devia zelar pela sua moralidade, havia convidado quantos ali se encontravam, qualquer desaforo feito a um dos seus hóspedes, atingiria em cheio a autoridade, a própria compostura do patriarca.

Dançava-se a quadrilha, os lanceiros, a chimarrita, a fieira à meia canha, o caranguejo, o anu, o pericon, a

polca paraguaia. A quadrilha imperial, muito usada na côrte ao tempo de D. Pedro I, não chegara a vulgarizar-se na província pela excessiva dificuldade de movimentos. Nunca a dançariam, por certo, em reuniões de republicanos. Com os lanceiros, vistoso desfile dos pares em tom de marcha, se iniciava o baile. Vinha depois o «caranguejo», colocados os cavalheiros em frente às damas, em roda, batendo palmas, tocando depois o soalho com o pé direito; e a um sinal de quem estivesse «mandando a dança», juntavam-se os pares e saíam bailando. A meia-canha gozava das predileções gerais.

Lindolfo Cólloz

VOCABULÁRIO

SOCIABILIDADE, *subst.* —

Vida social; qualidade de viver em sociedade, em reuniões de amizade.

ALOJAR, *v.* Hospedar, agasalhar.

AZAFAMA, *subst.* — Grande agitação, movimento agitado.

PERITA, *adj.* — Muito hábil.

POSTEIRO, *subst.* — Empregado, ou melhor, agregado da estância.

ESTANCIA, *subst.* — Grande fazenda, no Rio Grande do Sul.

AMBIENTE, *subst.* — O que existe em tôrno de nós.

AFABILIDADE, *subst.* — Delicadeza, gentileza no modo de tratar.

DESAIRE, *subst.* — Falta de elegância; desconsideração, inconveniência.

COMPOSTURA, *subst.* — Correção de maneiras; moderação; respeito.

PATRIARCA, *subst.* — O chefe da família.

VULGARIZAR-SE, *v.* — Tornar-se vulgar, comum, conhecido.

CÔRTE, *subst.* — A cidade do Rio de Janeiro, a capital do Brasil onde residia o Imperador com a sua côrte, isto é, a gente que o cercava, acompanhava e auxiliava.

PROVINCIA, *subst.* — Divisão territorial de um país. Cada um dos atuais Estados

do Brasil, no tempo do Império.

PREDILEÇÃO, *subst.* — Preferência.

QUADRILHA, LANCEIROS, CHIMARRITA, FIEIRA À MEIA CANHA, CARAN-

QUEJO, ANU, PERICON, POLCA PARAGUAIA —

Danças usadas no Rio Grande do Sul, no tempo da Guerra dos Farrapos (1835-1845)

QUESTIONARIO

- 1) Como, no tempo da Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, os fazendeiros preparavam um baile? 2) Que acontecia desde as vésperas? 3) Que faziam os escravos? 4) E as mulheres dos posteiros? 5) Como se preparava o salão principal? 6) Quando se servia o jantar? 7) Quando começava o baile? 8) Como procediam as senhoritas? 9) Porquê? 10) Que danças mais se usavam? 11) Porque não se dançava a quadrilha imperial? 12) Como começava o baile? 13) Como se dançava o caranguejo? 14) Qual era a dança preferida?

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- 1) Descreva uma festa familiar com baile.
2) Escreva a um colega convidando-o para um baile no dia do seu aniversário. Tratamento: *você*.

GRAMÁTICA

Conjugações verbais

Fazer o verbo passar por tôdas as suas flexões é o que se chama — *conjugação um verbo*.

Conjugação é, portanto, o conjunto das variadas flexões verbais.

Distinguem-se as conjugações verbais pela terminação do presente do infinitivo impessoal.

Assim, os verbos são da primeira, da segunda ou da terceira, conforme os infinitivos impessoais terminem, respectivamente, em

ar, er, ir. O verbo *pôr* (na língua antiga *poer*) inclui-se, com seus compostos, na 2ª conjugação.

Verbos auxiliares são chamados aqueles que auxiliam as conjugações de outros. Os mais comuns auxiliares são os verbos: *ter, haver, ser e estar*.

Conjugação do verbo *ter*

Modo indicativo

PRESENTE: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
 PRET. IMPERFEITO: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
 PRET. PERFEITO: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
 PRET. MAIS-QUE-PERFEITO: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
 FUTURO DO PRESENTE: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
 FUTURO DO PRETÉRITO: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo imperativo

AFIRMATIVO: tenha eu, tem tu, tenha você, tenhamos nós, tendes vós, tenham vocês.
 NEGATIVO: não tenha, não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.

Modo subjuntivo

PRESENTE: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
 IMPERFEITO: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
 FUTURO: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Formas nominais

INFINITIVO PRESENTE IMPESSOAL: *ter*.
 INFINITIVO PRESENTE PESSOAL: *ter eu, teres tu, ter êle, termos nós, terdes vós, terem êles*.
 GERÚNDIO: *tendo*.
 PARTICÍPIO: *tido*.

Conjugação do verbo **haver**

Modo indicativo

PRESENTE: hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
 PRET. IMPERFEITO: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
 PRET. PERFEITO: houve, houveste, houve, havemos, houvestes, houveram.
 PRET. MAIS-QUE-PERFEITO: houvera, houveras, houvera, houveramos, houveréis, houveram.
 FUTURO DO PRESENTE: haverei, haverás, haverá, haveremos, haveis, haverão.
 FUTURO DO PRETÉRITO: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo imperativo

AFIRMATIVO: haja, há, haja, hajamos, havei, hajam.
 NEGATIVO: não haja, não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.

Modo subjuntivo

PRESENTE: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
 IMPERFEITO: houvesse, houvesse, houvesse, houvésemos, houvésseis, houvessem.
 FUTURO: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Formas nominais

INFINITIVO PRESENTE IMPESSOAL: haver.
 INFINITIVO PRESENTE PESSOAL: haver eu, haveres tu, haver ele, haveremos nós, haverdes vós, haverem eles.
 GERÚNDIO: havendo.
 PARTICÍPIO: havido.

Conjugação do verbo **ser**

Modo indicativo

PRESENTE: sou, és, é, somos, sois, são.
 PRET. IMPERFEITO: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
 PRET. PERFEITO: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
 PRET. MAIS-QUE-PERFEITO: fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, foram.
 FUTURO DO PRESENTE: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
 FUTURO DO PRETÉRITO: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.

Modo imperativo

AFIRMATIVO: seja, sê, seja, sejamos, sêde, sejam.
 NEGATIVO: não seja, não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Modo subjuntivo

PRESENTE: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
 IMPERFEITO: fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, fôsseis, fôssem.
 FUTURO: fôr, fores, fôr, formos, fordes, forem.

Formas nominais

INFINITIVO PRESENTE IMPESSOAL: ser:
 INFINITIVO PRESENTE PESSOAL: ser eu, seres tu, ser ele, sermos nós, serdes vós, serem eles.
 GERÚNDIO: sendo.
 PARTICÍPIO: sido.

Conjugação do verbo **estar**

Modo indicativo

PRESENTE: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
 PRET. IMPERFEITO: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.

PRET. PERFEITO: estive, estiveste, estêve, estivemos, estivestes, estiveram.

PRET. MAIS-QUE-PERFEITO: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.

FUTURO DO PRESENTE: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.

FUTURO DO PASSADO: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.

Modo imperativo

AFIRMATIVO: esteja, está, esteja, estejamos, estai, estejam.

NEGATIVO: não esteja, não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Modo subjuntivo

PRESENTE: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.

IMPERFEITO: estivesse, estivesse, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.

FUTURO: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.

Formas nominais

INFINITIVO PRESENTE IMPESSOAL: estar.

INFINITIVO PRESENTE PESSOAL: estar eu, estares tu, estar êle, estarmos nós, estardes vós, estarem êles.

GERÚNDIO: estando.

PARTICÍPIO: estado:

Exercícios gramaticais:

- 1) Varie as frases abaixo conforme as indicações que as acompanham.

Ela teve o livro de exercícios.

Eu
 Tu
 Vós

Ele fôra professor na Bélgica.

Tu
 Nós
 Vós

Quando eu houver êsse dinheiro...

Quando tu
 Quando nós
 Quando vós

Se eu estivesse presente, ela teria o documento.

Se vós, elas
 Se tu, nós
 Se nós, vós

Quando eu fôr crescido, tu terás um automóvel.

Quando nós, vós
 Quando elas, nós
 Quando tu, eu

Não sejas tolo, está quieto!

Não (você), quieto!
 Não (vós), quietos!
 Não (vocês), quietos!

- 2) Dos verbos indicados, dê as formas pedidas entre parênteses.

Ter (primeira pessoa do plural do presente do indicativo).
Haver (segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Ser (primeira pessoa do plural do imperativo afirmativo).

Estar (segunda pessoa do plural do imperativo negativo).

Ter (segunda pessoa do singular do imperfeito do subjuntivo).

Estar (terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo).
Ser (terceira pessoa do plural do presente do indicativo).
Haver (segunda pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo).
Ter (gerúndio).
Haver (participio).
Ser (primeira pessoa do plural do futuro do subjuntivo).
Estar (segunda pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo).

3) Analise, nas frases que se seguem, as formas dos verbos auxiliares.

Se tivermos tempo, la estaremos.
 Havendo interesse, tudo será mais fácil.
 Sede calmos, tende prudência.

Convém que estejam atentos, para que haja proveito na aula.
 Terias o primeiro lugar se fosses menos tímido.
 Quando estivamos em São Paulo, tinhamos maiores recursos.
 Não estejas a brincar, tem sossego.

Canto do Trabalho

Trabalho é Glória. Quem trabalha
 Vive feliz, sereno e saõ.
 No ferro em brasa o homem que malha
 Busca a beleza e a perfeição.

Da boca ardente da fornalha
 Ergue-se um hino à criação.
 Frontes de heróis, que o suor orvalha,
 Os vossos louros ai estão.

Quem planta o trigo a vida espalha.
 Bendito seja quem faz pão!
 E ouro em pó cada migalha,
 Vale um tesouro cada grão.

Pedra por pedra a alta muralha
 Ergue-se aos poucos do êrmo chão.
 Louvado seja quem de palha
 Cobriu a tósca habitação!

Quem fez o pano que agasalha.
 Traçando o fio de algodão;
 Quem fez a alvissima toalha;
 Quem vive negro de carvão;

Quem corta o tronco e nêle talha
 A mesa a que outros comerão;
 Quem cose os pontos da mortalha,
 Quem serra as tabuas do caixão!

A vida é áspera batalha
Em que a arma rude é a rude mão.
Bendito seja quem trabalha
Pela grandeza e perfeição!

Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça

VOCABULÁRIO

- SÃO, *adj.* — Com saúde; saudável; perfeito.
MALHAR, *v.* — Bater o maldinho, na oficina.
FORNALHA, *subst.* — Parte da máquina ou do fogão onde se queima o combustível.
MIGALHA, *subst.* — Pequeno pedaço de pão; pequerina porção de alimento.
ÊRMO, *adj.* — Deserto; solitário; descampado.
TÔSCO, *adj.* — Mal feito; rústico; rude.
TALHAR, *v.* — Ajustar; preparar; cortar por medida.
MORTALHA, *subst.* — Vestimenta com que se envolve o cadáver para enterrar.

QUESTIONÁRIO

- 1) Que sucede a quem trabalha? 2) Que busca o homem trabalhador? 3) Que se ergue da bôca da fornalha? 4) Que faz quem semeia o trigo? 5) Porquê? 6) Que trabalhadores mais devemos louvar? 7) Que é a vida? 8) Quem, então, deve ser bendito?

EXERCÍCIOS DE REDAÇÃO

- Escreva pequena carta a um colega, aconselhando-o a ser trabalhador.
- Valendo-se da poesia acima, faça o elogio do homem que trabalha.
- Descreva uma oficina, mostrando a agitação alegre dos operários.

GRAMÁTICA

Verbos regulares

Retirando-se ao infinitivo impessoal do verbo regular sua terminação característica, obtém-se o TEMA ou RADICAL.

As terminações características das conjugações são as seguintes: *ar*, para a primeira; *er*, para a segunda; *ir*, para a terceira.

Verbos regulares são os que, durante a conjugação, não alteram o tema ou radical, ao qual acrescentam sempre as desinências do verbo tomado para *modelo* ou *paradigma*.

Os que, ao contrário, não tomam sempre as desinências do paradigma, ou alteram o radical, são *irregulares*.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO	SEGUNDA CONJUGAÇÃO	TERCEIRA CONJUGAÇÃO	CONJUGAÇÃO DO VERBO
<i>Am-ar</i>	<i>Dev-er</i>	<i>Part-ir</i>	<i>P-ôr</i>

Modo indicativo PRESENTE

Am-o	Dev-o	Part-o	P-onho
am-as	dev-es	part-es	p-ões
am-a	dev-e	part-e	p-õe
am-amos	dev-emos	part-imos	p-omos
am-ais	dev-eis	part-is	p-ondes
am-am	dev-em	part-em	p-õem

PRETÉRITO IMPERFEITO

Am-ava	Dev-ia	Part-ia	P-unha
am-avas	dev-ias	part-ias	p-unhas
am-ava	dev-ia	part-ia	p-unha
am-ávamos	dev-íamos	part-íamos	p-únhamos
am-áveis	dev-íeis	part-íeis	p-únheis
am-avam	dev-iam	part-iam	p-unham

PRETÉRITO PERFEITO

Am-ei	Dev-i	Part-i	P-us
am-aste	dev-este	part-iste	p-useste
am-ou	dev-eu	part-iu	p-ôs
am-amos	dev-emos	part-imos	p-usemos
am-astes	dev-estes	part-istes	p-usestes
am-aram	dev-eram	part-iram	p-useram

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

Am-ara	Dev-era	Part-ira	P-usera
am-aras	dev-êras	part-iras	p-useras
am-ara	dev-era	part-ira	p-usera
am-áramos	dev-êramos	part-íramos	p-uséramos
am-áreis	dev-êreis	part-íreis	p-uséreis
am-aram	dev-eram	part-iram	p-useram

FUTURO DO PRESENTE

Am-arei	Dev-erei	Part-irei	P-orei
am-arás	dev-erás	part-irás	p-orás
am-ará	dev-erá	part-irá	p-orá
am-aremos	dev-eremos	part-iremos	p-oremos
am-areis	dev-ereis	part-ireis	p-oreis
am-arão	dev-erão	part-irão	p-orão

FUTURO DO PRETÉRITO

Am-aria	Dev-eria	Part-iria	P-oria
am-arias	dev-erias	part-irias	p-orias
am-aria	dev-eria	part-iria	p-oria
am-aríamos	dev-eríamos	part-iríamos	p-oríamos
am-aríeis	dev-eríeis	part-iríeis	p-oríeis
am-ariam	dev-eriam	part-iriam	p-oriam

Modo imperativo

AFIRMATIVO

Am-e	Dev-a	Part-a	P-onha
am-a	dev-e	part-e	p-õe
am-e	dev-a	part-a	p-onha
am-emos	dev-amos	part-amos	p-onhamos
am-ai	dev-ei	part-í	p-onde
am-em	dev-am	part-am	p-onham

NEGATIVO

Não am-e	Não dev-a	Não part-a	Não p-onha
não am-es	não dev-as	não part-as	não p-onhas
não am-e	não dev-a	não part-a	não p-onha
não am-emos	não dev-amos	não part-amos	não p-onhamos
não am-eis	não dev-ais	não part-ais	não p-onhais
não am-em	não dev-am	não part-am	não p-onham

Modo subjuntivo
PRESENTE

Am-e	Dev-a	Part-a	P-onha
am-es	dev-as	part-as	p-onhas
am-e	dev-a	part-a	p-onha
am-emos	dev-amos	part-amos	p-onhamos
am-eis	dev-ais	part-ais	p-onhais
am-em	dev-am	part-am	p-onham

IMPERFEITO

Am-asse	Dev-esse	Part-isse	P-usesse
am-asses	dev-esses	part-isses	p-usesses
am-asse	dev-esse	part-isse	p-usesse
am-ássemos	dev-êssemos	part-íssemos	p-usêssemos
am-ásseis	dev-êsseis	part-ísseis	p-usêsseis
am-assem	dev-essem	part-issem	p-usessem

FUTURO

Am-ar	Dev-er	Part-ir	P-user
am-ares	dev-eres	part-ires	p-useres
am-ar	dev-er	part-ir	p-user
am-armos	dev-ermos	part-irmos	p-usermos
am-ardes	dev-erdes	part-irdes	p-userdes
am-arem	dev-erem	part-irem	p-userem

Formas Nominais

INFINITIVO PRESENTE (impessoal)

Am-ar	Dev-er	Part-ir	P-ôr
-------	--------	---------	------

INFINITIVO PRESENTE (pessoal)

Am-ar	Dev-er	Part-ir	P-ôr
am-ares	dev-eres	part-ires	p-ores
am-ar	dev-er	part-ir	p-ôr
am-armos	dev-ermos	part-irmos	p-ormos
am-ardes	dev-erdes	part-irdes	p-ordes
am-arem	dev-erem	part-irem	p-orem

GERÚNDIO

Am-ando	Dev-endo	Part-indo	P-ondo
---------	----------	-----------	--------

PARTICÍPIO

Am-ado	Dev-ido	Part-ido	P-osto
--------	---------	----------	--------

Exercícios gramaticais:

- 1) Conjugue nos tempos indicados os verbos seguintes:
Tremar — Imperfeito do indicativo e futuro do subjuntivo.
Dançar — Imperativo afirmativo e imperfeito do indicativo.
Pôr — Futuro do presente do indicativo e presente do subjuntivo.
Unir — Presente do indicativo e imperativo negativo.

- 2) Varie as formas abaixo conforme as indicações que as acompanham.

Colhem frutos maduros.

Tu
 Elas
 Vós

Traduzimos todo o livro.

Tu
 Elas
 Vós

Já puseram as bandeiras.

Nós
 Vós
 Elas

Cantai com entusiasmo!

..... (vocês)
 (nós)
 (tu)

Não procedas assim na aula.

Não (você)
 Não (vós)
 Não (vocês)

Enquanto ela falou, tu brincaste.

Enquanto eu vós
 Enquanto tu nós
 Enquanto você eles

- 3) Dos verbos indicados dê as formas pedidas entre parênteses.

Avivar (segunda pessoa do plural do presente do indicativo).
Escriver (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Definir (terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo).
Propor (terceira pessoa do plural do futuro do presente do indicativo).

Confessar (primeira pessoa do plural do imperativo afirmativo).

Morder (primeira pessoa do singular do presente do subjuntivo).

Residir (segunda pessoa do singular do mais-que-perfeito do indicativo).

Dispor (segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo).

Molestar (terceira pessoa do plural do imperfeito do subjuntivo).

Trechos para análise morfológica

- 1) As crianças corriam pelo capim espontane, molhando os pés nas gotas de sereno ou da chuva da noite.
- 2) O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poti, amigo do teu hóspede.
- 3) Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão.
- 4) Túnica de côr celeste, com flôres de ouro, cobria-lhe ondulantemente o corpo airoso.
- 5) De repente, às pressas, pôs-se a deitar gravetos na fogueira quase extinta.
- 6) Quem a boa árvore se acolhe, boa sombra o colhe.

Exercícios gramaticais:

- 1) Conjugue nos tempos indicados os verbos seguintes:

Cumprir — Presente do indicativo e futuro do subjuntivo.

Viver — Imperativo afirmativo e presente do subjuntivo.
Expor — Futuro do subjuntivo e imperativo negativo.
Derrubar — Gerúndio e futuro do preterito do indicativo.
Sofrer — Particípio e pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

- 2) Dos verbos indicados dê as formas pedidas entre parênteses.

Sentar (primeira pessoa do singular do presente do subjuntivo).
Bater (segunda pessoa do singular do imperfeito do indicativo).

Reunir (terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo).
Dispor (primeira pessoa do plural do imperfeito do indicativo).
Empregar (segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo).

Esconder (terceira pessoa do plural do imperativo afirmativo).
Apor (segunda pessoa do plural do imperativo negativo).

Combinar (segunda pessoa do plural do presente do indicativo).

Ferver (infinitivo presente impessoal).

Sobrepôr (particípio).

Iludir (gerúndio).

Trechos para análise morfológica

- 1) Foi a primeira rua do Rio. Dela partimos todos nós, nela passaram os vice-reis malandros, os escravos nus, os senhores em rêdes.
- 2) Era ali a fonte e o coradouro em que as escravas da casa costumavam lavar e estender a roupa.
- 3) Minha mãe preferiu, porém, conservar êsses livros para o filho que também deveria ser advogado e os trinta volumes ainda estão em minhas estantes.
- 4) O gesto com que me aplaudis traduz o que vos sobe do coração em amor, em orgulho, em entusiasmo pelo Brasil.
- 5) Sob os andrajos, de porta em porta, Inácio mendiga, apupado estridentemente, nas ruas, como o probrezinho de Assis, pela criança jovial.

- 6) Quando em casa não há pão, todos choram e ninguém tem razão.
- 7) Previne-te na mocidade economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lâmpada que te há de alumiar à noite.
- 8) Em tôdas as idades, sempre os homens consagraram à esperança a côr verde, a mais bela das côres.
- 9) Procurarás amanhã o especialista que tanta fama possui, afim de que sejas convenientemente examinado.
- 10) Aqui permaneceremos, enquanto estiveres doente, porque precisas de nosso auxílio, embora êle não seja assim tão valioso.

SEGUNDA PARTE

ARITMÉTICA

PROGRAMA

Número. Algarismos arábicos e romanos. Numeração decimal: unidades das diversas ordens, leitura e escrita dos números inteiros. Operações fundamentais sobre números inteiros. Provas: real e dos nove. Divisibilidade por 10, 2, 5, 9 e 3. Número primo. Decomposição de um número em fatores primos. Máximo divisor comum. Mínimo múltiplo comum. Fração ordinária. Fração própria, fração imprópria; número misto. Extração de inteiros. Simplificação de frações e redução ao mesmo denominador. Comparação de frações. Números decimais. Operações sobre números decimais. Conversão das frações ordinárias em decimais e vice-versa. Exercícios fáceis sobre expressões em que entrem frações ordinárias e decimais, para aplicação das regras de conversão e das operações. Noções sobre o sistema métrico decimal. Metro, sua definição; metro quadrado e metro cúbico; múltiplos e submúltiplos. Quilograma; sua definição e seus múltiplos e submúltiplos. Litro; sua definição e seus múltiplos e submúltiplos. Sistema monetário brasileiro. Resolução de problemas fáceis, inclusive sobre as medidas do sistema métrico decimal.

NÚMEROS. ALGARISMOS ARÁBICOS E ROMANOS

O número surgiu como resultado da comparação entre um objeto isolado (uma caneta, por exemplo) e diferentes grupos de objetos da mesma espécie (grupos de canetas).

Os números são, pois, os nomes dados a êsses grupos. Na nossa língua são: **um, dois, três, quatro, cinco**, etc.

Podemos representar os números por palavras faladas. É a **numeração falada**. Também podemos representá-los por meio de **algarismos**. É a **numeração escrita**.

Algarismos Arábicos

Os **algarismos arábicos** assim são chamados porque, embora sua invenção se deva aos hindus, foram êles introduzidos na Europa pelos árabes.

São: **1** (um), **2** (dois), **3** (três), **4** (quatro), **5** (cinco), **6** (seis), **7** (sete), **8** (oito), **9** (nove), **0** (zero ou cifra).

Os nove primeiros são **algarismos significativos**.

O **zero**, em Aritimética, é usado para representar ausência de unidade de uma ordem.

Algarismos Romanos

Os antigos Romanos escreviam seus números usando sete letras do alfabeto: **I, V, X, L, C, D, M**. Eram os **algarismos romanos**, ainda hoje muitas vezes empregados.

Correspondem-lhes os seguintes valores:

I = 1; V = 5; X = 10; L = 50; C = 100; D = 500; M = 1 000.

Para uso dos algarismos romanos devemos levar em conta as regras seguintes:

1ª) Só podem ser usadas juntas e até três vêzes as letras — **I, X, C, M**.

Assim: **I = 1; II = 2; III = 3; X = 10; XX = 20; XXX = 30; C = 100; CC = 200; CCC = 300; M = 1000; MM = 2000; MMM = 3000.**

2ª) As letras **V, L, D** nunca se repetem.

3ª) Uma letra de valor menor escrita à direita de outra de valor maior junta seu valor ao desta última.

Ex.: **X = 10; XV = 15; C = 100; CXX = 120; M = 1000; MD = 1500.**

4ª) Letra de valor menor colocada à esquerda de outra de valor maior diminui do valor desta última o seu valor.

Ex.: **IV = 4**, ou **V (cinco) menos I (um); XC = 90**, ou **C (cem) menos X (dez); CD = 400**, ou **D (quinhentos) menos C (cem).**

5ª) Letra de valor menor colocada entre duas de valor maior, diminui seu valor do da direita e o resultado se acrescenta ao valor da esquerda.

Ex.: **XIV = 14**, ou **V (cinco) menos I (um) mais X (dez); MXC = 1090**, ou **C (cem) menos X (dez) mais M (mil).**

6ª) Um traço horizontal colocado sobre uma letra torna seu valor mil vêzes maior.

Ex. **VII = 7, VIĪ = 7000; XC = 90, XC̄ = 90000.**

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Escreva com algarismos romanos:

34	300	999	10 201
49	400	1 000	40 000
66	565	2 003	50 008
87	702	2 029	100 000
90	888	3 050	101 101
122	976	5 005	222 222

NUMERAÇÃO DECIMAL: UNIDADES DAS DIVERSAS ORDENS. LEITURA E ESCRITA DOS NÚMEROS INTEIROS

Numeração é a parte da Aritmética que ensina a ler e a escrever os números com um número limitado de palavras ou de algarismos.

Pode, então, ser a numeração — falada ou escrita.

Numeração Falada

Sabemos que a sucessão dos números não tem fim e seria impossível conseguir nomes diferentes para todos êles. Muito mais difícil, ainda, seria guardá-los na memória.

Criou-se, então, um artifício: usarem-se, apenas, poucas palavras; dessas, outras seriam derivadas, e, da combinação conveniente delas, primitivas e derivadas, seriam formados os nomes de todos os números.

A reunião de regras e princípios empregados para se ler ou escrever os números é o que se chama sistema de numeração.

O nosso SISTEMA DE NUMERAÇÃO é o sistema decimal.

O princípio fundamental dêste sistema é o seguinte: **Dez unidades de uma ordem formam uma unidade de ordem imediatamente superior.**

Entende-se por **ordem** o grupo de unidades necessárias para se formarem outros grupos de unidades superiores.

Base de um sistema é o número de unidades necessárias à formação de cada ordem.

Como em nosso sistema de numeração o número exigido é **dez**, daí a sua denominação de **sistema decimal** ou **sistema de base dez**.

Os nomes empregados para formarem-se todos os nomes de números são: **um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, cem** ou **cento, mil**. Dêles derivam-se outros com acréscimo das terminações — **enta, centos, lhão**.

Para os números da primeira ordem, usamos as denominações: **um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove**. Constituem êles a ordem das **unidades simples**.

Se chegarmos ao **dez**, já teremos dez unidades de uma ordem, logo, de acôrdo com o princípio do sistema decimal — outra unidade de ordem imediatamente superior e que chamamos **dezena**.

Para designar as dezenas empregamos os nomes seguintes: **dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa**.

Chegando-se a dez dezenas, atingiremos à unidade imediatamente superior, conforme o princípio do sistema da numeração decimal.

Poderemos, então, dizer: dez dezenas formam uma **centena**, que é, assim, a ordem imediatamente superior.

Os nomes designativos das centenas são: **cem** ou **cento, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos**.

Cada grupo de três ordens, que, como já vimos, têm os nomes de — **unidades, dezenas, centenas** — chama-se **classe**.

A primeira classe denomina-se das **unidades** e a segunda dos **milhares**.

Tôda classe completa possui, sempre, as três ordens já conhecidas.

Para designar os números das diversas ordens da classe dos milhares, usamos o nome **mil**, a que se antepõem os nomes empregados na classe das unidades.

Assim, para a quarta ordem, ou a primeira ordem da segunda classe, teremos: **mil, dois mil, três mil, quatro mil, cinco mil, seis mil, sete mil, oito mil, nove mil**.

Para a quinta ordem, ou segunda ordem da segunda classe: **dez mil, vinte mil, trinta mil**, etc.

Para a sexta ordem ou terceira ordem da segunda classe: **cem mil, duzentos mil, trezentos mil**, etc.

Também poderemos dizer: **cinco milhares, sessenta milhares, quinhentos milhares**, etc.

As classes, da terceira em diante, têm os seguintes nomes: **milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão, sextilhão, setilhão, octilhão, nonilhão, decilhão**.

Combinando convenientemente êsses nomes já explicados, poderemos designar qualquer número.

Assim, diremos: **vinte e oito; quarenta e sete; setenta e nove; cento e dois; cento e três; quatrocentos e vinte e quatro; mil e oito; mil e trinta e um; vinte mil, duzentos e sete; cinqüenta mil, seiscentos e vinte e dois; trezentos e trinta e três mil, novecentos e noventa e nove; dois bilhões, trinta milhões, oitocentos mil, quatrocentos e trinta e cinco**; etc.

Devemos assinalar que a primeira dezena de unidades (**dez**), quando se combina com as unidades **um, dois, três, quatro, cinco** — toma os nomes — **onze, doze, treze, quatorze, quinze**.

Resta-nos, agora, estudarmos o processo usado para a leitura de qualquer número.

Divide-se o número em classes de três algarismos da direita para a esquerda.

A última classe à esquerda poderá ficar constituída de menos de três algarismos. Dá-se a cada classe sua denominação própria, a começar da direita; depois lê-se, da esquerda para a direita, o número de cada classe com sua respectiva denominação.

Seja por exemplo, ler o número: 4893476054.

bilhões
milhões
milhares
unidades

Divisão em classes de três algarismos; 4 893 476 054.
Lê-se: 4 bilhões, 893 milhões, 476 milhares, 054 unidades.

Na prática, omite-se a denominação da última classe à direita.

Revisão necessária:

Cada classe completa é constituída das três ordens: unidades, dezenas, centenas (da direita para a esquerda).

NOMES DAS CLASSES (da direita para a esquerda) unidades, milhares, milhões, bilhões, trilhões, quatrilhões, quintilhões, sextilhões, setilhões, octilhões, nonilhões, decilhões.

Numeração Escrita

Vimos como seria impossível dar-se a cada número um nome distinto.

Também não seria possível atribuir um sinal diferente a cada número.

Por isso, na numeração escrita lançou-se mão de um recurso: empregar poucos sinais chamados algarismos e grupá-los de modo que, conforme a posição que ocupassem nesses grupos, tivessem eles valores diferentes.

Daí o princípio da numeração escrita:

Todo algarismo escrito à esquerda de outro representa um valor dez vezes maior do que se estivesse no lugar desse outro.

Os algarismos são: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 0.

Se, por exemplo, escrevermos o algarismo 2 na primeira ordem da primeira classe, êle terá o valor de duas unidades, mas, se o escrevermos na segunda ordem dessa mesma classe, valerá dez vezes mais, ou 2 dezenas, que correspondem a 20 unidades. Continuando-se o exem-

plo: escrevendo-se o 2 na terceira ordem da primeira classe, já êle valerá duas centenas, ou 200 unidades. E assim por diante.

Quando em uma ordem não houver unidades, ela é preenchida pelo zero (0).

Desta forma chegamos à conclusão de que cada algarismo pode ter dois valores: **absoluto** e **relativo**.

Valor absoluto é o que o algarismo tem isoladamente, devido à sua forma.

Valor relativo é o que o algarismo tem conforme o lugar que ocupa no número em que foi escrito.

No número 2 478 os algarismos têm os seguintes valores absolutos: 2 (dois); 4 (quatro); 7 (sete); 8 (oito).

Neste número, porém, os valores relativos dos algarismos 8, 7, 4, 2, são, respectivamente, os seguintes: 8, oito unidades; 7, sete dezenas ou setenta unidades; 4, quatro centenas ou quatrocentas unidades; 2, dois milhares ou duas mil unidades.

Podemos, agora, aprender a escrever qualquer número:

Escrevem-se os números da esquerda para a direita, a partir da ordem mais alta, tendo-se o cuidado de observar, em cada classe, a existência das três ordens (centenas, dezenas, unidades).

A primeira classe da esquerda, a mais elevada, poderá ter uma, ou duas ordens, apenas.

A falta de unidades de uma ordem é indicada pelo zero (0).

Seja escrever o número « 12 quatrilhões, 839 trilhões, 15 bilhões, 2 milhões, 8 milhares, 50 unidades.

12	839	015	002	008	050
quatrilhões	trilhões	bilhões	milhões	milhares	unidades

Note-se que, na classe dos bilhões, um zero ocupou a ordem das centenas que não tinha unidades a representá-la; na dos milhões, pela mesma razão, dois zeros

preencheram as ordens das centenas e das dezenas, e o mesmo sucedeu na classe dos milhares; na das unidades, um zero foi colocado na ordem das centenas.

Os números que se representam com um único algarismo chamam-se **simples**.

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

- 1) Leia os números 84 367 602 e 2 497 600 036.
- 2) Quantas dezenas de milhares há no número 387 054?
- 3) Quais as classes encontradas no número 300 258 741 123?
- 4) Quantas dezenas há em 160 unidades? e quantas centenas?
- 5) Quantas centenas de milhares há em um milhão? E quantas dezenas de unidades?
- 6) Leia os números 2 000 347 562, 100 047 000 362, 12 345 678 901 245.
- 7) Quantas centenas há em 90 milhares? E unidades?
- 8) Escreva: dois bilhões, cento e trinta e dois milhões, cento e nove milhares e duzentos e quatorze unidades.
- 9) Escreva: quinze dezenas de milhões, duas centenas de milhares e oito centenas de unidades.
- 10) Dê, no número 2 847 356, o valor absoluto e o valor relativo de cada algarismo.
- 11) Ache a soma dos valores absolutos dos algarismos do número 3 047 153.
- 12) Quantas dezenas de milhões há em oito bilhões? E centenas de milhares?
- 13) Escreva quatro números simples e mais três números compostos cuja soma dos valores absolutos de seus algarismos dê 15, 12 e 9.
- 14) Escreva: seis bilhões, duas mil quatrocentas e setenta e seis centenas de unidades; oito trilhões, cento e oitenta mil.

OPERAÇÕES FUNDAMENTAIS SOBRE NÚMEROS INTEIROS. PROVAS

Operações são as diversas combinações que se podem fazer com os números.

As operações fundamentais de Aritmética são: **adição, subtração, multiplicação, e divisão**.

Chamam-se **operações fundamentais**, porque servem de base ou fundamento para quaisquer outras.

Adição

Na **adição** reunimos as unidades de dois ou mais números em um só.

Os números que se adicionam são as **parcelas** e o resultado encontrado: **soma**.

O sinal de adição é +, que se lê: mais.

No estudo da adição devemos considerar o seguinte:

1º) **Só podem ser adicionadas grandezas homogêneas.** Assim, a um grupo de livros só podem ser adicionados outros grupos de livros; a uma quantidade de açúcar só se pode adicionar outra quantidade de açúcar.

2º) **Uma soma não se altera qualquer que seja a ordem das parcelas.**

Ex.: 38 rosas + 25 rosas + 108 rosas ou 108 rosas + 38 rosas + 25 rosas ou 25 rosas + 38 rosas + 108 rosas, etc.

Para se efetuar uma adição, escrevem-se as parcelas umas debaixo das outras, de modo que as unidades da mesma ordem se correspondam, em coluna.

Começa-se a somar da direita para a esquerda. Do resultado encontrado em cada coluna retiram-se as unidades que constituem unidades da ordem seguinte e escrevem-se, em baixo, as restantes. Assim se continua até à última coluna, cujo resultado é escrito por inteiro.

$$\text{Ex.: } 4\ 835 + 358 + 102 + 5\ 436$$

$$\begin{array}{r} 4\ 835 \\ 358 \\ 102 \\ 5\ 436 \\ \hline 10\ 731 \end{array}$$

Escrevem-se as diferentes parcelas de forma que se correspondam, em coluna, as diversas ordens (unidades debaixo de unidades, dezenas sob dezenas, etc.)

A soma da primeira coluna deu 21 unidades, ou sejam, duas dezenas e 1 unidade. Escreve-se em baixo 1 e levam-se as duas dezenas para a coluna seguinte, que é a das dezenas, onde serão adicionadas. A segunda coluna dará, então, 13 dezenas, ou 1 centena e 3 dezenas. Escreve-se, embaixo, 3, que são as dezenas restantes e leva-se 1 centena para se adicionar à coluna seguinte.

Na terceira coluna, a das centenas, com mais êsse 1, que veio das dezenas, vamos encontrar 17 centenas ou 1 milhar e 7 centenas. Escrevem-se, embaixo, as 7 centenas e leva-se 1 milhar para a coluna seguinte, onde vamos, agora, achar 10 milhares. Como se trata da última coluna, escreve-se todo o número achado (10).

Concluimos, pois, que $4\ 385 + 358 + 102 + 5\ 436 = 10\ 731$.

Prova é segunda operação efetuada para verificar a exatidão da primeira.

Usam-se duas provas: a dos **noves** e a **real**.

Tira-se a prova dos nove da adição, tirando-se os nove de tôdas as parcelas; depois, os nove da soma. Se os dois resultados forem iguais, a conta deverá estar certa.

$$\begin{array}{r} \text{Ex.:} \\ 4920 \\ 135 \\ \hline 5055 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 6 \\ \hline 6 \end{array}$$

Tirados os nove das parcelas achou-se 6; tirando-se os nove da soma, igualmente, 6.

Nota: A prova não dá certeza absoluta, mas probabilidade de certeza.

Com efeito: ao tirarmos uma prova, podemos cometer um erro que compense outro cometido na operação inicial. Nesse caso, tomaríamos como certa uma operação errada.

De diversas maneiras pode-se tirar a prova real da adição.

1ª) Adiciona-se ao inverso, da última para a primeira parcela.

O segundo resultado deverá ser igual ao primeiro.

2ª) Muda-se a ordem das parcelas. Os resultados encontrados terão de ser iguais.

$$\begin{array}{r} \text{Ex.: } 38 + 25 + 108 = 171 \\ 38 \\ 25 \\ 108 \\ \hline 171 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 108 \\ 38 \\ 25 \\ \hline 171 \end{array}$$

3ª) Separa-se uma parcela e adicionam-se, de novo, as outras. Esta segunda soma subtrai-se da primeira. O resto deve ser igual à parcela separada, para que a soma esteja exata.

$$\text{Ex.: } 483 + 325 + 100 + 24 = 932$$

$$\begin{array}{r} 483 \\ \hline 325 \\ 100 \\ 24 \\ \hline 932 \\ 449 \\ \hline 483 \end{array}$$

Subtração

Na **subtração** tiramos um número de outro. Também se pode definir:

Subtrair é encontrar um número que, somado ao segundo, reproduza o primeiro.

O número de que se tira é o **minuendo**; o que é tirado dêle, o **subtraendo**; o resultado encontrado chama-se **resto, excesso ou diferença**.

O sinal de subtração é — que se lê: **menos**.

Ex.: $4830 - 208$, isto é, quatro mil oitocentos e trinta menos duzentos e oito.

Para se subtrair um número de outro, escreve-se o subtraendo debaixo do minuendo, de forma que as unidades da mesma ordem se correspondam. Começa-se a subtrair da direita para a esquerda, tirando-se as unidades de cada ordem do subtraendo da respectiva ordem do minuendo e sob elas escrevendo-se o resultado.

Quando numa ordem o minuendo tiver menos unidades que o subtraendo, toma-se da ordem seguinte uma

unidade que, convertida em 10 unidades da ordem imediatamente inferior, é somada ao algarismo do minuendo e faz-se, então, a subtração.

Na ordem seguinte considera-se o minuendo desfalcado de uma unidade.

Assim se continua até o final.

$$\text{Ex.: } 4\ 632 - 217 = 4\ 415$$

$$\begin{array}{r} 4\ 632 \\ 217 \\ \hline 4\ 415 \end{array}$$

Escreve-se 4 632 e, debaixo, 217, com as diversas ordens em correspondência. Como de 2 unidades simples não se pode tirar 7, toma-se uma dezena, que vale 10 unidades e juntam-se estas 10 a 2 ou $10 + 2 = 12$. De 12 tiram-se 7 unidades e temos 5. Mas as três dezenas do minuendo ficaram valendo 2, de que se tira 1 do subtraendo, e tem-se 1. De 6 centenas do minuendo tiram-se 2 do subtraendo e têm-se 4. Finalmente 4, de que nada se tira. O resultado, pois, é 4 415 ou $4\ 632 - 217 = 4\ 415$.

Prova dos nove. Tiram-se os nove ao minuendo; depois tiram-se os nove ao subtraendo e ao resto. Se os resultados forem iguais, a operação poderá estar certa.

$$\text{Ex.: } 48.367 - 7\ 958 = 40\ 409$$

$$\begin{array}{r} 48\ 367 \\ 7\ 958 \\ \hline 40\ 409 \end{array}$$

Tiram-se os nove ao minuendo: $4 + 8 + 3 + 6 + 7$, nove fora: 1. Tiram-se os nove ao subtraendo e ao resto: $7 + 9 + 5 + 8 + 4 + 4 + 9$, nove fora: 1. A subtração deve estar certa.

Prova real. Soma-se o resto ao subtraendo e o resultado deverá ser igual ao minuendo para que a operação esteja exata.

$$\text{Ex.: } 48\ 367 - 7\ 958 = 40\ 409$$

$$\begin{array}{r} 48\ 367 \\ \hline 7\ 958 \\ \hline 40\ 409 \\ \hline 48\ 367 \end{array}$$

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Efetue:

$$\begin{array}{l} 485 + 1\ 238 + 10\ 283 + 74 \\ 1\ 048 + 894 + 5\ 379 + 6\ 495 \\ 847\ 650 - 23\ 451 \\ 864\ 294 - 780\ 978 \\ 800\ 024 - 5\ 943\ 289 \end{array}$$

Efetue e tire a prova dos nove:

$$\begin{array}{l} 6\ 854 + 38 + 964 + 3\ 467 \\ 800 + 7\ 809 + 36\ 542 \\ 684\ 314 - 412\ 567 \end{array}$$

Efetue e tire a prova real:

$$\begin{array}{l} 1\ 247 + 3\ 657 + 20\ 975 + 2\ 805 \\ 4\ 096 + 893 + 12\ 842 + 936 \\ 748\ 900 - 484\ 986 \\ 200\ 032 - 172\ 094 \end{array}$$

PROBLEMAS

- 1) A soma de três números é 813. Se acrescentarmos 50 ao primeiro; 16, ao segundo; 24, ao terceiro, a quanto se elevará a soma?

- 2) Papai foi ao mercado e pagou 85 cruzeiros de peixe, 42 cruzeiros de carne, 38 cruzeiros de frutas e 27 cruzeiros de ervas. Quanto papai gastou?
- 3) Vovó nasceu em 1882. Quando fez 59 anos?
- 4) Titio trouxe da roça uma cesta de mangas. Deu 12 a mamãe, 8 a tia Lúcia, 6 a Helena, 7 a Paulo e guardou 23. Quantas mangas trouxe da roça?
- 5) Nos exames de fim de ano de minha escola foram promovidos 345 estudantes do 1º ano; 217 do 2º, 186 do 3º e 99 do 4º. Quantos estudantes alcançaram promoção?
- 6) Com que idade morreu um homem nascido em 1888 e falecido em 1923?
- 7) Um homem recebeu 2 850 cruzeiros e pagou de despesas 1 998 cruzeiros. Com quanto ficou?
- 8) A soma de dois números é 5 497 e um deles é 2 978. Qual é o outro?
- 9) Quatro meninos juntaram 1 850 figurinhas. O primeiro juntou 325; o segundo, 475; o terceiro, 633. Quantas juntou o quarto menino?
- 10) Uma pessoa deve 5 600 cruzeiros. Paga na primeira prestação 1 980; na segunda, 560; na terceira, 1 287. Quanto fica devendo?
- 11) Num ginásio há 2 872 alunos, assim distribuídos: 940 na primeira série; 732 na segunda, e 675 na terceira. Quantos são os alunos da quarta série restante?
- 12) Um senhor deixou 200 000 cruzeiros de herança. Além da parte doada aos parentes, legou 45 250 a um hospital, 35 750 a um asilo e 28 420 a uma escola. Qual a parte que coube aos parentes?

Multiplicação

Multiplicar é repetir um número tantas vezes quantas são as unidades de outro.

O número que se repete chama-se **multiplicando** e o número pelo qual ele se repete, chama-se **multiplicador**. **Multiplicando** e **multiplicador** são, geralmente, ditos **fatores**. O resultado da multiplicação é o **produto**.

O sinal de multiplicação é \times , que se lê: *vêzes*.

Assim, 125×8 lê-se cento e vinte e cinco *vêzes* oito. Neste exemplo 125 é o multiplicando e 8 o multiplicador.

125×8 exprime que o número 125 deve ser repetido oito *vêzes*.

A multiplicação é uma soma abreviada. Quando dizemos 35×5 é como se somássemos cinco parcelas iguais a 35, de modo que 35×5 é o mesmo que

$$35 + 35 + 35 + 35 + 35 \text{ ou}$$

$$\begin{array}{r} 35 \\ 35 \\ 35 \\ 35 \\ 35 \\ \hline 175 \end{array}$$

O produto de 35 por 5 é, pois, 175.

Para se obter o produto de dois números simples, usa-se, comumente, a tábua de Pitágoras, que se forma da maneira seguinte:

Escrevem-se na primeira linha os números até 9.

Na segunda escrevem-se os números que representam a soma de cada número da primeira linha consigo mesmo.

Na terceira escrevem-se os números que correspondem às somas dos números da primeira e da segunda linhas.

Na quarta, os números que equivalem às somas dos números da primeira e da terceira linhas.

Na quinta, os que equivalem às somas dos números da primeira e da quarta linhas.

E, assim por diante, até a nona linha, somando-se sempre os números da linha imediatamente anterior com a primeira.

					↑ ↓			
1	2	3	4	5	6	7	8	9
					:			
2	4	6	8	10	12	14	16	18
					:			
3	6	9	12	15	18	21	24	27
					:			
4	8	12	16	20	24	28	32	36
					:			
5	10	15	20	25	30	35	40	45
					:			
6	12	18	24	30	36	42	48	54
					:			
←7	.. 14	.. 21	.. 28	.. 35	.. 42	49	56	63
					:			
8	16	24	32	40	48	56	64	72
					:			
9	18	27	36	45	54	63	72	81

Para se achar o produto de dois números pela tábua de Pitágoras, toma-se um dos fatores na primeira linha vertical e o outro na primeira linha horizontal; correm-se, depois, as duas linhas, até que se encontrem em um número que é o produto dos dois.

Ex.: $6 \times 7 = 42$, conforme se vê na tábua.

A tábua mostra, também, que $7 \times 6 = 42$, donde se conclui que: **a ordem dos fatores não altera o produto.** Portanto: $5 \times 8 = 40$ ou $8 \times 5 = 40$; $4 \times 2 \times 3 = 24$, ou $3 \times 2 \times 4 = 24$ ou $2 \times 4 \times 3 = 24$, etc.

Vejam os a multiplicação de um número de vários algarismos por um número simples.

Ex.: 354×4 .

Escrevemos o multiplicador debaixo do multiplicando. Multiplicamos cada um dos algarismos do multipli-

cando por 4, que é o multiplicador. A começar pelas unidades temos

$$\begin{array}{r} 354 \\ 4 \\ \hline 1416 \end{array}$$

4 unidades vêzes 4 ou 16 unidades. Retiramos do produto 10 unidades ou 1 dezena para levar à outra ordem e as 6 unidades restantes escrevemos no produto. O produto de 5 dezenas por 4 dá 20 dezenas, que, acrescidas da que veio do produto anterior, perfazem 21 dezenas, ou 2 centenas e uma dezena. Escrevemos embaixo esta dezena e levamos as 2 centenas para a casa seguinte, das centenas. Multiplicando 3 centenas por 4, temos 12 centenas que, somadas com as 2 centenas, que vieram do produto anterior, fazem 14 centenas.

O produto é, pois, 1416.

Se o multiplicador tiver mais de um algarismo, é êle escrito debaixo do multiplicando, de forma que as unidades da mesma ordem se correspondam. Multiplica-se o multiplicando por cada um dos algarismos significativos do multiplicador, escrevendo-se o primeiro algarismo de cada produto parcial debaixo do algarismo multiplicador. A soma dos diversos produtos parciais é o produto total.

$$\text{Ex.: } 2456 \times 364 = 89384$$

$$\begin{array}{r} 2456 \\ 364 \\ \hline 9824 \\ 14736 \\ 7368 \\ \hline 893984 \end{array}$$

Para se multiplicar um número por 10, 100, 1000, etc. acrescentam-se ao multiplicando tantos zeros quantos houver no multiplicador.

$$126 \times 100 = 12\ 600$$

$$85 \times 1000 = 85\ 000$$

Quando um ou ambos os fatores acabam em zeros, abandonam-se os zeros, faz-se a multiplicação e ao produto total acrescentam-se todos os zeros abandonados.

$$\text{Ex.: } 7\ 200 \times 240 = 1\ 728\ 000$$

$$\begin{array}{r} 7\ 200 \\ 240 \\ \hline 288 \\ 144 \\ \hline 1728000 \end{array}$$

Se um algarismo do multiplicador, que não o último, fôr zero, abandona-se a cifra e passa-se a multiplicar pelo algarismo seguinte, escrevendo-se o primeiro algarismo dêste produto debaixo do algarismo correspondente do multiplicador.

$$\text{Ex.: } 125 \times 302 = 37\ 750$$

$$\begin{array}{r} 125 \\ 302 \\ \hline 250 \\ 375 \\ \hline 37750 \end{array}$$

Potência

Potência de um número é um produto de fatores iguais a êsse número.

Assim, $4 \times 4 \times 4$ é uma potência de 4, que se indica pelo símbolo: 4^3 .

O fator 4 é a **base** da potência e 3 é o **expoente**.

Então, **expoente** é o número escrito, no alto, à direita da base e que indica quantas vezes esta é tomada como fator.

$$\text{Ex.: } 4^3 = 4 \times 4 \times 4$$

$$2^5 = 2 \times 2 \times 2 \times 2 \times 2$$

As potências 2 e 3 dizem-se **quadrado** e **cubo** e as demais — **quarta potência**, **quinta potência**, **sexta potência**, etc.

Lê-se, então: 8^2 , 8 elevado ao quadrado ou quadrado de 8;

3^3 , 3 elevado ao cubo ou cubo de 3;

6^5 , 6 elevado à quinta potência, ou quinta potência de 6, ou, ainda, 6 elevado a 5.

Provas da Multiplicação

Prova dos noves. Tiram-se os noves ao multiplicando e, depois, ao multiplicador; multiplicam-se, em seguida, os dois resultados obtidos e dêste produto tiram-se os noves. O que fôr obtido nesta última operação deverá ser igual ao que se obtiver, tirando-se os noves do produto total.

Tirando os noves do multiplicador: $4 + 2 + 5 = 11$, noves fora, 2.

Tirando os noves ao multiplicador: $3 + 8 = 11$, noves fora, 2.

$$\begin{array}{r} 425 \\ 38 \\ \hline 3400 \\ 1275 \\ \hline 16150 \end{array} \quad \begin{array}{r} 2 \mid 4 \\ \hline 2 \mid 4 \end{array}$$

$$2 \times 2 = 4$$

Tirando os noves do produto: $1 + 6 + 1 + 5 = 13$, noves fora 4.

A operação deve estar certa.

Prova real. Invertem-se os fatores e faz-se nova multiplicação.

O segundo resultado deve ser igual ao primeiro.

Pode-se, também, dividir o produto total por um dos fatores. Se a multiplicação estiver certa, o quociente será igual ao outro fator.

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Efetue:

$$\begin{array}{r} 2345 \times 232 \\ 18726 \times 5678 \\ 347 \times 100 \\ 1879 \times 1000 \\ 3480 \times 7500 \\ 2569 \times 2008 \end{array}$$

Efetue e tire as provas:

$$\begin{array}{r} 2936 \times 486 \\ 1807 \times 3560 \end{array}$$

Ache o quadrado e o cubo de 6, de 8 e de 12.
Ache o valor das seguintes potências: 2^6 ; 3^4 ; 5^3 .

PROBLEMAS

- 1) Sabe-se que uma dúzia de agulhas tem 12 agulhas e uma grossa, 12 dúzias. Quantas agulhas haverá em 186 grossas?
- 2) Qual o ordenado mensal de um funcionário que ganha 425 cruzeiros por dia?
- 3) Um metro de fazenda custa 175 cruzeiros e a peça tem 12 metros. Qual o preço de 48 peças?
- 4) Quatro torneiras despejam água num reservatório. A primeira fornece 450 litros por hora; a segunda, 482; a terceira, 526, e a quarta, 387. Quantos litros recebe o reservatório no espaço de um dia?
- 5) Num internato há 45 alunos que pagam, cada um, 4 200 cruzeiros por mês. Quanto receberá o diretor do internato em 9 meses?
- 6) Numa família o pai ganha 456 cruzeiros por dia; o filho mais velho, 320 cruzeiros por dia; o segundo filho, 180 cruzeiros por dia, e a filha, 7 500 cruzeiros por mês. Qual a renda mensal da família?
- 7) Juca adquiriu um cento de bonecas por 7 500 cruzeiros. No transporte quebraram-se 18. Que lucro obterá o Juca, se vender cada uma das bonecas restantes por 98 cruzeiros?
- 8) Uma senhora fez a rifa de um anel com os bilhetes ao preço de 15 cruzeiros cada um. Sabe-se que o anel custara 2 600 cruzeiros e que não foram vendidos 32 dos 500 bilhetes da rifa. Que lucro teve?
- 9) Um negociante comprou 9 sacos de feijão com 60 quilogramas cada um, ao preço de 40 cruzeiros o quilograma. Quanto pagou pela compra e por quanto a revendeu, se ganhou na revenda 5 400 cruzeiros?
- 10) Numa fábrica trabalham 102 homens, 80 mulheres e 45 meninos. Cada homem tem de diária 320 cruzeiros; cada mulher, 238; cada menino, 150 cruzeiros. Há, ainda, 18 mestres que ganham, cada um, 7 500 cruzeiros por quinzena. Quanto despense a fábrica com os seus operários, em 15 dias?

Divisão

Divisão é a operação em que, dado um produto e um dos fatores, se deseja conhecer o outro fator.

O produto dado chama-se **dividendo**; o fator conhecido: **divisor**, e o fator que se procura: **quociente**.

O sinal da divisão é \div , que se lê: **dividido por**.

Pode-se, igualmente, indicar a divisão por um traço, tendo, em cima, o dividendo e, em baixo, o divisor.

$$\text{Assim, } 24 \div 6 \text{ ou } \frac{24}{6}$$

O dividendo é 24, o divisor é 6 e o quociente é 4, porque $6 \times 4 = 24$.

$$\text{Podemos, então, escrever } 24 \div 6 = 4 \text{ ou } \frac{24}{6} = 4.$$

Do mesmo modo:

$15 \div 3 = 5$, porque 5 é o número que, multiplicado por 3, dá 15.

Seja, agora, dividir 33 por 7.

Na tabuada da multiplicação não encontramos um número que multiplicado por 7 dê 33. Com efeito, 33 está entre

$$7 \times 4 = 28 \text{ e } 7 \times 5 = 35.$$

Dizemos, neste caso, que o quociente é 4, mas, como $7 \times 4 = 28$, a diferença entre 33 e 28, isto é, 5, é o resto da divisão.

Chama-se, então, **resto** à diferença entre o dividendo e o produto do divisor pelo quociente.

No primeiro exemplo ($24 \div 6$), a divisão foi **exata** e temos:

$$\text{Dividendo} = \text{divisor} \times \text{quociente} \quad (24 = 6 \times 4).$$

No segundo exemplo ($33 \div 7$) a divisão foi **aproximada** e temos:

Dividendo = divisor \times quociente + resto ($33 = 7 \times 4 + 5$), devendo-se notar que o resto é sempre menor que o divisor.

Vejam os três casos da divisão.

1º) O divisor e o quociente têm um só algarismo.

Ex.: $56 \div 7$.

O divisor tem apenas um algarismo e sabemos que o mesmo se dá com o quociente porque, multiplicando-se o divisor por 10, êle se torna maior que o dividendo. Com efeito: $7 \times 10 = 70$. O quociente é, portanto, menor do que 10 é só tem um algarismo.

O resultado pode ser obtido pela tábua de Pitágoras. (Pág. 143). Procura-se a linha vertical que começa por 7 e desce-se por ela até encontrar o número 56. Aí se toma a linha horizontal até o primeiro número, que é o quociente.

Então: $56 \div 7 = 8$.

Se se quiser o quociente de 37 por 5, procede-se da mesma forma. Descendo-se pela coluna que começa por 5, não se encontra 37, mas 35 e 40.

Toma-se a linha horizontal onde está 35 e na sua extremidade, à esquerda, encontra-se o quociente 7, mas, como $7 \times 5 = 35$, fica um resto 2, porque $37 - 35 = 2$.

2º) O divisor tem vários algarismos mas o quociente tem só um algarismo.

Exemplo: $4\ 683 \div 750$.

O quociente é menor do que 10 ou tem só um algarismo, porque o produto $725 \times 10 = 7\ 250$ é maior do que o dividendo.

Obtemos, neste caso, o quociente, dividindo pelo primeiro algarismo do divisor as unidades da mesma ordem do dividendo. Encontramos 6 em 46 por 7. Fazendo o

produto de 725 por 6 encontramos 4 500. O resto é, portanto, $4\ 683 - 4\ 500 = 183$.

Outro exemplo: $34\ 172 \div 8\ 975$. Dividimos 34 por 8 e encontramos 4, mas $8\ 975 \times 4 = 35\ 900$, que é maior do que 34 172. Experimentamos, então, 3 e, como o produto $8\ 975 \times 3 = 26\ 925$ é menor do que 34 172, o quociente é 3 e o resto é $34\ 172 - 26\ 925$ ou 7 247.

Na prática usamos a seguinte disposição:

$$\begin{array}{r|l} 34172 & 8975 \\ \hline & 7247 \quad 3 \end{array}$$

e ao mesmo tempo que multiplicamos o quociente pelo divisor, nós o vamos subtraindo do dividendo, dizendo: 3 vezes 5, 15, para 12, 7 e vão 2; 3 vezes 7, 21 e 2, 23 para 27, 4 e vão 2; 3 vezes 9, 27 e 2, 29 para 31, 2 e vão 3; 3 vezes 8, 24 e 3, 27, para 34, 7.

3º) O quociente tem mais de um algarismo.

Exemplo: $543\ 542 \div 625$

Usamos a mesma disposição do 2º caso:

$$\begin{array}{r|l} 543542 & 625 \\ \hline & 4354 \quad 869 \\ & 6042 \\ & 437 \end{array}$$

Separam-se, no dividendo, da esquerda para a direita, tantos algarismos quantos forem os do divisor.

Se os algarismos separados formarem número menor que o do divisor separa-se outro mais. Tem-se, desta forma, o primeiro dividendo parcial. Divide-se o número formado pelo primeiro ou pelos dois primeiros algarismos da esquerda do dividendo pelo primeiro do divisor. O resultado irá para o quociente. Multiplica-se êste al-

garismo do quociente pelo divisor e o produto vai-se subtraindo do dividendo parcial separado.

Ao lado do resto encontrado baixa-se o algarismo seguinte do dividendo e assim se constitui novo dividendo parcial. Repete-se o que se fêz com o primeiro dividendo parcial, escrevendo-se o novo algarismo do quociente à direita do primeiro. Continua-se da mesma maneira, até o final.

Para se dividir um número por 10, 100, 1 000, etc., separam-se, no número dado, à direita, tantos algarismos quantos os zeros do divisor. A parte à esquerda é o quociente e a parte da direita é o resto.

$$\text{Ex.: } 3\,547 \div 100 = 35,47; \quad 1\,354 \div 1\,000 = 1,354.$$

Quando o dividendo e o divisor terminam em zeros, corta-se, em ambos, o mesmo número de zeros e faz-se a divisão.

$$\text{Ex.: } 42\,000 \div 1\,400 = 30$$

$$\begin{array}{r} 420' \mid 14 \\ \hline 000 \quad 30 \end{array}$$

No caso da divisão não ser exata, ao resto da divisão dos números assim simplificados devem ser acrescentados tantos zeros quantos, no dividendo e no divisor, foram cortados.

$$\text{Ex.: } 4\,860 \div 250$$

$$\begin{array}{r} 486 \mid 25 \\ \hline 236 \quad 19 \\ 11 \end{array}$$

Ao resto da divisão acrescentam-se dois zeros, porque dois foram os zeros cortados no dividendo e no divisor.

O resto da divisão é 1 100.

Prova dos noves — Tiram-se os noves do divisor e do quociente. Multiplicam-se os números obtidos e do produto tiram-se os noves; ao resultado soma-se o número que se obtém tirando-se os noves do resto. O resultado deve ser igual ao que se encontra tirando-se os noves do dividendo.

$$\begin{array}{r} \text{Ex.:} \\ 543542 \mid 625 \\ \hline 4354 \quad 869 \\ 6042 \\ 417 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 4 \mid 5 \\ \hline 5 \mid 5 \end{array}$$

Tiram-se os noves do divisor: $6 + 2 + 5 = 13$, nove fora, 4.

Tiram-se os noves do quociente: $8 + 6 + 9 = 23$, nove fora, 5.

$$4 \times 5 = 20, \text{ nove fora, } 2.$$

Tirando-se os noves do resto, achamos $4 + 1 + 7 = 12$, nove fora, 3.

Somando 2 com 3, achamos 5.

Finalmente, tirando-se os noves do dividendo, encontramos 5.

A divisão deve, portanto, estar certa.

Prova real. Tira-se a prova real da divisão multiplicando-se o quociente pelo divisor e ao produto somando-se o resto, se houver. O resultado obtido tem de ser idêntico ao dividendo.

Ex.:

$$\begin{array}{r|l}
 4245 & 29 \\
 \hline
 134 & 146 \\
 185 & 29 \\
 11 & \hline
 & 1314 \\
 & 292 \\
 \hline
 & 4234 \\
 & 11 \\
 \hline
 & 4245
 \end{array}$$

Nota: Quando numa expressão concorrem várias operações, primeiro se efetuam as multiplicações e divisões e depois se efetuam as adições e subtrações.

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Efetue:

$$\begin{array}{l}
 4835567 \div 235 \\
 7894325 \div 9864 \\
 785800 \div 100 \\
 49354 \div 1000 \\
 894700 \div 42500 \\
 394700 \div 197350
 \end{array}$$

Efetue e tire as provas:

$$\begin{array}{l}
 489765 \div 864 \\
 34502 \div 950
 \end{array}$$

PROBLEMAS

- 1) Uma senhoa ofereceu 2 milheiros de balas para serem repartidos pelas 125 crianças de um asilo. Quantas balas recebeu cada criança?
- 2) Quanto ganha por dia um funcionário que tem 13 800 cruzeiros de ordenado mensal?
- 3) Numa divisão o divisor é 345, o quociente 38 e o resto 19. Qual o dividendo?
- 4) Devo 2 860 cruzeiros. Já dei 4 prestações iguais e devo ainda 400 cruzeiros. De quanto foi cada prestação?
- 5) Duas pessoas compraram, no mercado, 236 maçãs. A segunda comprou o triplo da parte da primeira e mais 28. Quantas maçãs adquiriu cada uma?
- 6) Certo indivíduo doou 250 000 cruzeiros para serem distribuídos: metade para ser dividida por 5 casas de caridade e a outra metade para ser dividida por 8 escolas. Quanto receberá cada casa de caridade e cada escola?
- 7) Um negociante comprou 3 centos de garrafas de vinho por 9 000 cruzeiros. Revendeu-as com o lucro de 1 080 cruzeiros. A quanto saiu cada garrafa, sabendo-se que 20 se haviam partido no transporte?
- 8) Um reservatório comporta 1 680 litros d'água. Uma torneira nêle derrama 52 litros por hora e outra dêle retira, por hora, 44 litros. Se as duas torneiras ficarem abertas, quantas horas serão precisas para que se encha o reservatório?
- 9) Numa oficina trabalharam 4 operários. O primeiro esteve em serviço 12 dias, o segundo 18, o terceiro 24, e o quarto 30. Receberam todos 19 320 cruzeiros. Quanto ganhou cada operário, se as suas diárias eram iguais?
- 10) Numa fábrica empregam-se 36 homens, 18 mulheres e 12 meninos. Cada homem ganha por dia tanto quanto duas mulheres, ou quanto 3 meninos. Quanto ganha por dia cada homem, mulher e criança, se a fábrica paga a seus operários, numa quinzena, 264 600 cruzeiros?

DIVISIBILIDADE POR 10, 2, 5, 9, 3

Um número é **divisível** por outro quando pode ser dividido por êle sem deixar resto.

Caracteres de divisibilidade são regras que estabelecem as condições necessárias para que um número seja divisível por outro.

Divisibilidade por 10

Todo número terminado em 0 é divisível por 10. São, portanto, divisíveis por 10 os números 270, 980, 1 830, etc.

O resto da divisão de um número por 10 é o número representado pelo último algarismo da direita.

O resto da divisão do número 834 por 10 é 4; o de 747 dividido por 10 é 7, etc.

Divisibilidade por 2

São divisíveis por 2 os números que acabam em 2, 4, 6, 8, 0.

São números divisíveis por 2, 1 324, 2 702, 1 356, 800, etc.

Os números divisíveis por 2 chamam-se **pares**.

Quando o número não é divisível por 2, é **ímpar** e o resto de sua divisão por 2 só pode ser, evidentemente, **1**.

Divisibilidade por 5

Todo número terminado em 0 ou 5 é divisível por 5. Assim os números 1 385 e 2 070 são divisíveis por 5, o que se poderá verificar, fãcilmente, operando as divisões.

Quando um número não fôr divisível por 5, o resto da divisão será o último algarismo da direita se fôr menor que 5 e a diferença entre êste último algarismo e o número 5, quando o último algarismo fôr maior que 5.

Por exemplo: o resto da divisão de 7 132 por 5 é 2; o resto da divisão de 7 139 por 5 é: $9 - 5 = 4$.

Divisibilidade por 9

È divisível por 9 todo número cuja soma dos valores absolutos de seus algarismos seja divisível por 9.

Ex.: 4 653 é divisível por 9, porque a soma dos valores absolutos de seus algarismos dá 18 ($4 + 3 + 6 + 5$) que é divisível por 9 ($18 \div 9 = 2$).

Quando um número não fôr divisível por 9, o resto da sua divisão por 9 é o mesmo que se obtém dividindo-se por 9 a soma dos valores absolutos de seus algarismos.

Ex.: O resto da divisão de 3 524 por 9 é 5, porque 5 é resto da divisão de $3 + 5 + 2 + 4 = 14$ por nove.

Divisibilidade por 3

È divisível por 3 todo número cuja soma dos valores absolutos de seus algarismos seja divisível por 3.

Ex.: O número 1 851 é divisível por 3, porque a soma dos valores absolutos de seus algarismos dá 15 ($1 + 8 + 5 + 1$) e 15 é divisível por 3 ($15 \div 3 = 5$).

Quando um número não fôr divisível por 3, o resto da sua divisão por 3 será o mesmo que se obtiver dividindo-